

A CENIA

Muda



N.º 5 ★ 31 - 1 - 50
Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



NESTE NÚMERO:

CINE-ROMANCE



REPORTAGENS

o
RIO DE JANEIRO
 orgulha-se dos
 seus grandes
 Estabelecimentos



Nos amplos e maravilhosos salões da "INSINUANTE" poderão ser atendidos 300 freguezes com a maior presteza. O seu quadro de empregados eleva-se a 100. Vinte vendedoras especializadas e uma turma de vendedores que são verdadeiros gentlemen na arte de calçar.

A INSINUANTE oferece ao público carioca uma galeria que liga a Rua da Carioca à Rua Sete de Setembro, por isso, tornou-se conhecida como a SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE.

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria à sua disposição
 CARIOCA 46-48 e SETE DE SETEMBRO 199-20



A CENA

Nº 5 ★ 31 de
janeiro de 1950

SUMÁRIO

fôrça da propaganda (Leon Eliachar)	3
ano cinematográfico de 49 (Alex Viany)	4
ma Turner (close-up)	8
elas da cidade (Alex Viany)	9
ashes mundiais	10
nema Brasileiro (Jonald)	12
ituras estrélas	14
otícias	14
ne-Aqui (Leon Eliachar) ..	15
oris Durante	16
idget Carr	17
irley Granger, a caminho da glória	18
Venus Cubana	20
fãosinhos do barulho (resumo)	21
ne-Novidades (A. Pinho) ..	22
uais os melhores de 49? (Enquête, 2.ª apuração) ..	23
ck Powell (close-up)	24
Dama de Espadas (romance — cap. I)	25
rdio (A. C.)	26
lodias para você	28
zz (Sylvio Tulio Cardoso) ..	29
arnaval	32
usa para Meditação	34
o todo o mundo	34

NOSSA CAPA

RIDGET CARR, jovem es-
ante da Metro-Goldwyn-Mayer
gracioso rosto que apresenta-
na capa deste número. Se
serem ver o corpo, podem dar
a voltinha até a página 17.
od-Luck!

A FÔRÇA DA PROPAGANDA

COM a propalada "decadência" do cinema americano (que não acredito), a produção européia, e mesmo sul-americana, tem forçado as portas do mercado mundial, estabelecendo a concorrência, quer seja no terreno da arte como da bilheteria. De qualquer maneira, Hollywood não tem o que recear, pois, no pé em que estão as coisas, o seu prestígio não será facilmente abalado, e isso se explica facilmente: primeiro, porque ainda existem em Hollywood, cineastas conscientes e capazes de realizar algo de realmente grandioso, que vem confirmando a sua capacidade de trabalho e de verdadeiros artistas; segundo, porque existe nos Estados Unidos a maior e mais bem organizada arma de todos os tempos: a publicidade! De tal forma está estabelecida e enraizada essa grande rede de propaganda que até os mais medíocres filmes, produzidos em massa, para o "gosto popular", rendem milhões. Suas garras se estendem por todos os países, dominando cidades, alastrando-se pela imprensa, pelo rádio, e pelo próprio cinema. Todos os recursos hábeis e práticos, são utilizados no afã de conquistar a simpatia do grande público, de convencer as massas da qualidade de sua mercadoria. O cinema americano tornou-se hábito da vida popular. As biografias de estrélas, os "close-ups" dos astros e estrélas, as obras dos diretores, a técnica dos fotógrafos, a vida dos compositores, os boatos sobre a sua vida particular, fazem parte do menu literário de todos os povos. Comprimidos entre o sistema prático, que vai muito além do sistema teórico de outros povos, os americanos realizam, mecanicamente, seus filmes, baseados sistematicamente em fórmulas — fórmulas essas que vêm servindo de base à própria produção estrangeira.

Em verdade, o cinema americano não decaiu, nem decairá nunca. Continuam sendo firmados os contratos vultosos, e os telégrafos apregoam, quase que semanalmente, a chegada de uma artista ou um diretor célebre à Califórnia. Assim foi, assim é, e assim será. A mentalidade estreita do Hays Office é, talvez, um dos mais sérios obstáculos ao seu desenvolvimento intelectual, agora agravado pela influência, relativamente acentuada, da Legião da Decência, que, controlando uma cadeia de jornais, tem certa fôrça sobre a massa. Contudo, alguns espíritos livres e inteligentes, produzem seus próprios filmes, baseados nos princípios cinematográficos das verdadeiras obras de arte e de homem de pensamento. São precisamente êsses homens que mantêm o nível espiritual e artístico do celulóide americano. São eles, ainda, que apresentam filmes com ideais sociológicos, com enredos humanos que possam servir de ensinamento à conduta do mundo em face de seus intermináveis problemas. Embora nem todos ousem apresentar soluções para os conflitos que assoberbam o mundo em que vivemos, a maioria desse reduzido grupo idealista, ousa encará-los friamente, projetando-os sob a rigidez crua da realidade, deixando as conclusões a terceiros, ou sugerindo, apenas, caminhos que podem ser traçados, e que poderão conduzir a um destino certo e definido. Mas tudo isso é muito pouco em face da grande quantidade de mediocridades, saídas dos mesmos estúdios, com películas superfúas, diluídas na mesquinhez de espíritos cifráonizados, que insistem em classificar de imbecil um público que admira e aplaude uma obra de arte. Para isso é que Hollywood, a escola cinematográfica do mundo, mantém o seu poderoso e miraculoso departamento de publicidade — uma publicidade gigantesca que aperta os seus ferrões de uma forma jamais igualada, pois só mesmo essa publicidade poderia levar aos salões de projeção um público tão grande como o que aplaude certas cretinices, destituídas do mais ínfimo sabor artístico, da mais insignificante parcela de espírito. No dia em que os ingleses, os franceses e os italianos tiverem a fôrça da propaganda do cinema americano, então sim, poderemos pensar em concorrência. Isso, bem entendido, caso eles saibam utilizar essa arma. Mas é bem possível que nesse dia, eles passem a adotar o mesmo sistema de Hollywood. E nada teremos lucrado...

leon eliachar

O ANO CINEMATOGRAFICO DE 1949

De ALEX VIANY

2.ª PARTE

DIRETORES

O ano de 1949 nos revelou muitos diretores de valor, deu filmes interessantes a cineastas já consagrados — e marcou também a decadência de uns poucos realizadores. Hollywood, num dos períodos mais felizes de sua história recente, revelou ou confirmou os talentos de Robert Wise, Nicholas Ray, Gordon Wiles, Mark Robson, Ted Tetzlaff, George S. Kaufman, Anthony Mann e Abraham Polonsky. A França nos deu pelo menos três grandes diretores em Jacques Becker, Claude Autant-Lara e Yves Allegret.

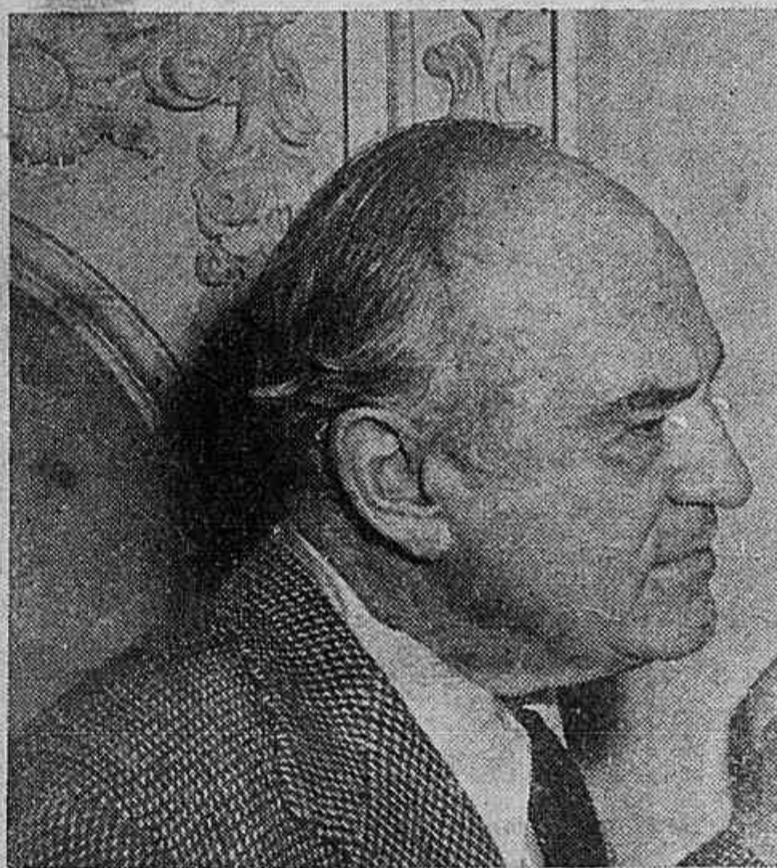
Os novos. — Robert Wise e Mark Robson começaram no mesmo estúdio, na mesma profissão, na mesma escola. O estúdio foi o da RKO, onde ambos iniciaram o seu treinamento como coordenadores, encarregando-se o primeiro do corte de "Cidadão Kane" e "O Homem que vendeu a alma", e o segundo de "Sangue de Pantera" e outros filmes. A escola foi a de Val Lewton, que então produzia a sua célebre série de películas de "horror" para a companhia. Sob o comando de Lewton, Wise dirigiu "A Maldição do Sangue de Pantera" (colaborando com outro ex-coordenador, Gunther Fritsch) e "O Túmulo Vazio". Por sua

vez, Robson dirigiu "A Sétima Vítima", "O Fantasma dos Mares", "A Ilha dos Mortos" e "Asilo Sinistro". Em 1949, um e outro chegaram ao apogeu de suas carreiras em filmes semelhantes: "Punhos de Campeão" e "O Invencível". Melhor escrito, mais coeso, mais tenso, "Punhos de Campeão" leva a melhor em qualquer comparação, mas isso não quer dizer que Robson não tenha aprendido bem as lições de Val Lewton.

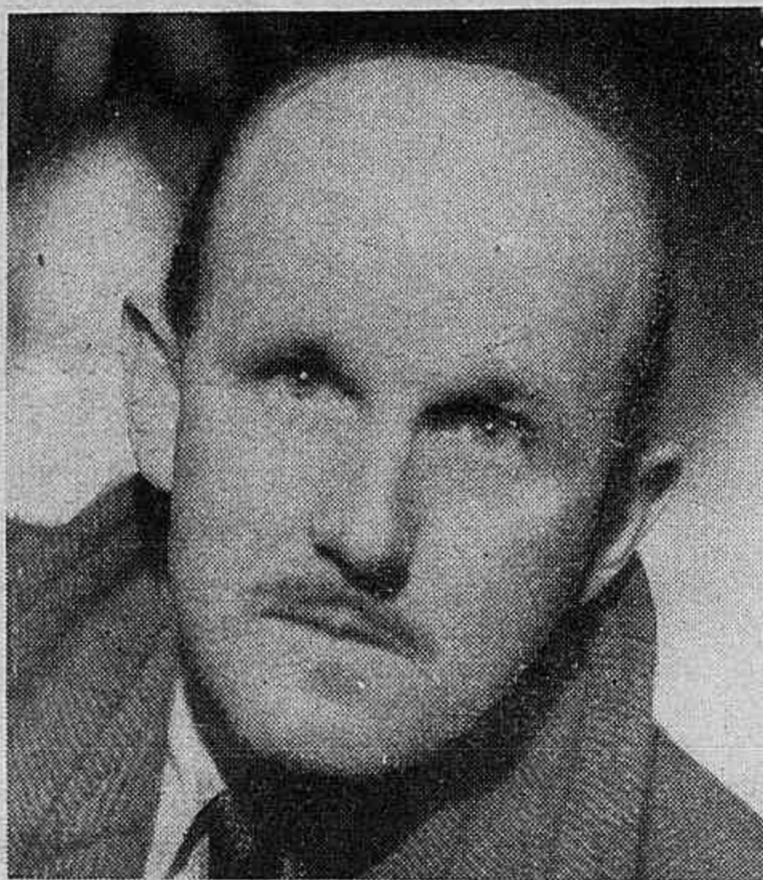
Dos outros diretores novos, americanos, Nicholas Ray fez uma estréia segura em "Amarga Esperança", que muito tinha de "Vive-se uma só vez", um dos melhores filmes americanos de Fritz Lang. Infelizmente, Ray pegou um cenário impossível em sua segunda realização, "A Vida Íntima de uma Mulher", sem dúvida um dos piores filmes de qualquer ano. Gordon Wiles, diretor artístico de longa data, já tendo sido premiado pela Academia como tal, dirigiu "O Gangster" com um estilo preciso e fascinante, transformando o filme numa das maiores surpresas do ano. O ex-cinegrafista Ted Tetzlaff, que já tentara a direção há uns dez anos, voltando depois à câmara, reiniciou a sua carreira direcional com "Uma Aventura no Panamá", que tinha uns cinco minutos de bom cinema, e acertou o passo com "Ninguém Crê em Mim". George S. Kaufman,

veterano cenarista e dramaturgo ("Do Mundo Nada se Leva", "Uma Noite na Ópera", etc.), mostrou, em "O Senador Indiscreto", que também pode vir a ser um bom diretor de comédias cinematográficas. Anthony Mann, que vem dirigindo desde 1942, passou a formar entre as promessas do cinema americano com "Desesperado" e "Moeda Falsa". E Abraham Polonsky, já notado como cenarista de "Corpo e Alma", também prometeu muito em "A Força do Mal".

O trio que o cinema francês nos revelou em 1949 é, realmente, de primeiríssima classe. Jacques Becker, ex-assistente de Jean Renoir, que começou a dirigir em 1941, mostrou-se impressionantemente certo em "Antônio e Antonieta", seu quinto filme — e o primeiro a ser exibido no Brasil. Claude Autant-Lara, vindo do movimento de avant-garde, dirigiu "Adúltera" com notável sensibilidade. Autant-Lara está no cinema desde 1926, mas ainda nos era inteiramente desconhecido. Desconhecido, também, era Yves Allegret, que dirige desde 1941. Seu quinto filme, "Escravas do Amor", é o segundo de sua obra a ser visto no Brasil. O primeiro, "Tentadora", foi bastante medíocre para aumentar a surpresa de sua revelação como um dos maiores diretores realistas do cinema francês.



SAM WOOD



MICHAEL POWELL



JULIAN DUVIVIER



DUDLEY NICHOLS



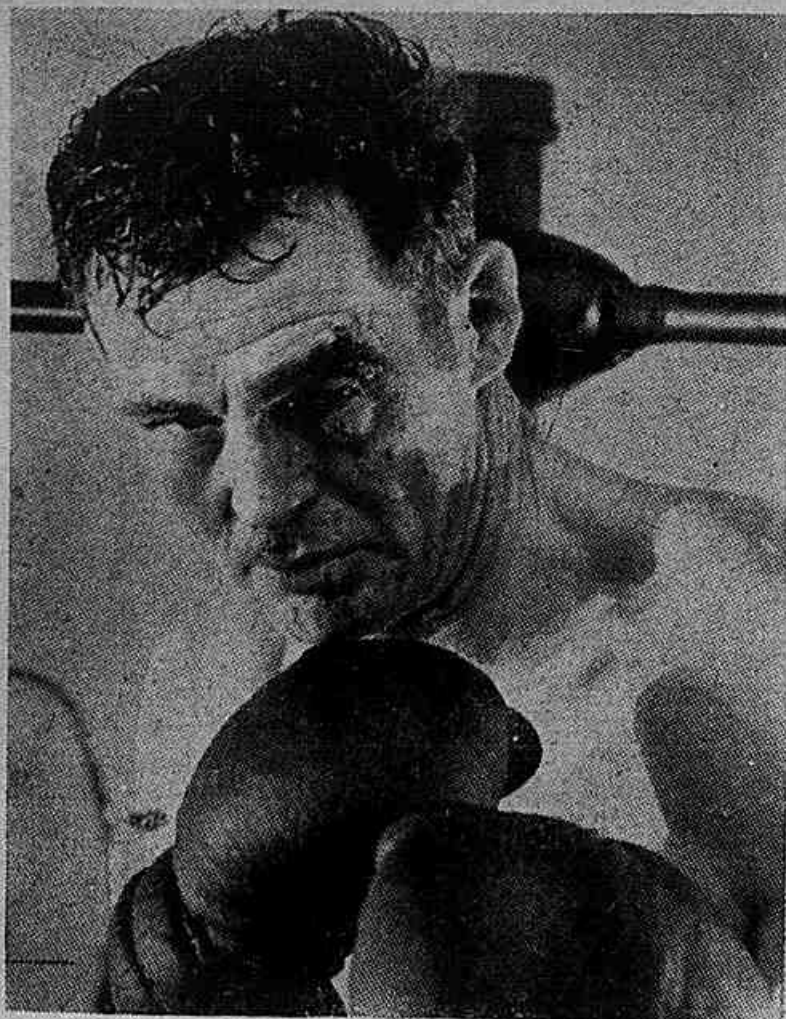
CHARLES CHAPLIN



JOHN FORD



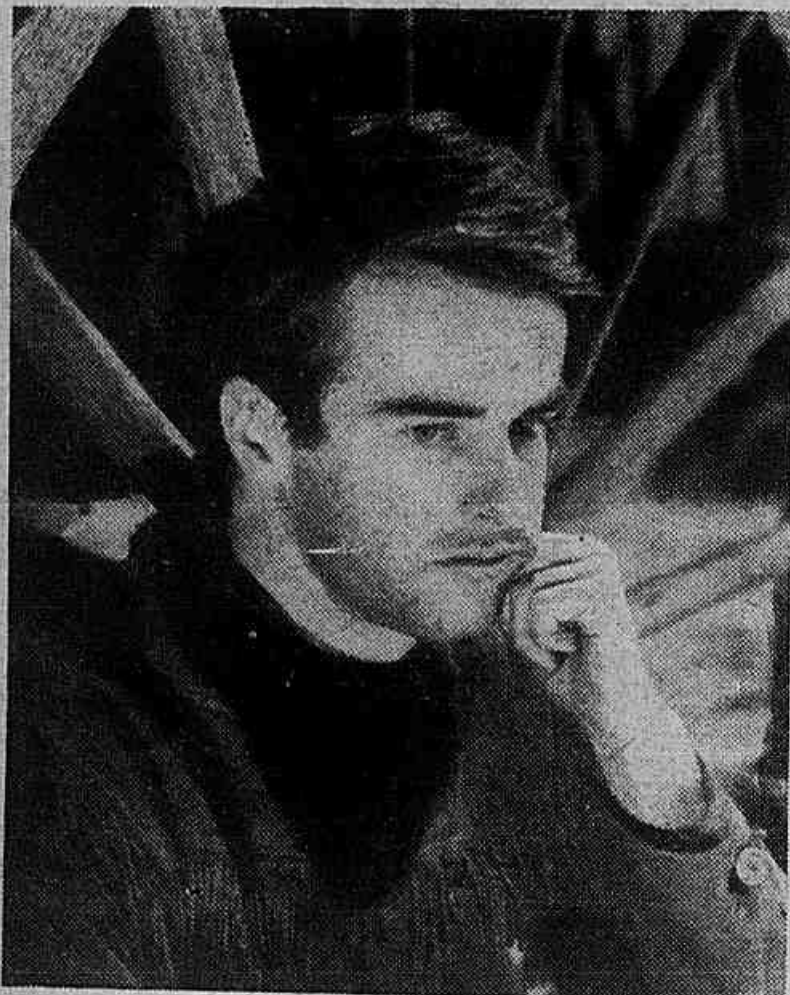
ALFRED HITCHCOK
"Ação contínua" em 49



ROBERT RYAN



JEAN LOUIS BARRAULT



MONTGOMERY CLIFT



FARLEY GRANGER



BOB DRISCOLL



KIRK DOUGLAS

Os cinemas de outros países apresentaram alguns diretores não menos interessantes. Da Suécia, no único filme que de lá nos veio em 1949, conhecemos Alf Sjöberg em "A Tortura de um Desejo", e a amostra foi suficientemente boa para que desejássemos ver muito mais — tanto de Sjöberg como do cinema sueco em geral. A Inglaterra só nos deu um novo diretor digno de interesse: David MacDonald. Esse antigo assistente de Cecil B. de Mille já está no cinema há mais de vinte anos, mas só com o documentário "Vitória no Deserto" começou a despertar a atenção da crítica. "Os Irmãos", que foi o seu primeiro filme no pós-guerra, mostrou que ele deve ter aprendido alguma coisa como documentarista. Por outro lado, "Cristóvão Colombo", seu quarto filme no mesmo período, foi uma grande decepção. Da Itália, vimos a conhecer Vittorio de Sica, Renato Castellani, Mario Camerini e Giuseppe de Santis, dos quais somente o último é realmente novo. Vittorio de Sica, ator desde os primeiros tempos do cinema falado, começou a dirigir em 1940. "Vítimas da Tormenta" (Sciució), seu sétimo filme como diretor, serviu para apresentá-lo a nós como um impledoso documentarista do mundo do pós-guerra. Renato Castellani, ex-assistente de Blasetti, apareceu em 1949 como cenarista ("Romântico Aventureiro") e como diretor ("O Duelo" e "Meu Filho Professor"). "O Duelo" (1941) é o seu primeiro filme como diretor, e "Meu Filho Professor" (1946) o quarto. Em ambos, Castellani demonstra que sua carreira merece ser acompanhada com atenção. Mario Camerini, que também começou como cenarista, é um diretor mais antigo, tendo feito o seu primeiro filme em 1923. Para nós, entretanto, é um novo. Dele, vimos "Uma Romântica Aventura" (1940), uma história de amor feita com bom gosto. Giuseppe de Santis, o mais moço do grupo de realizadores italianos com que travamos conhecimento em 1949, foi cenarista e assistente de Luchino Visconti e Aldo Vergano. Com "Trágica Perseguição", que marcou a sua estréia como diretor, imediatamente ele se colocou entre os melhores realizadores do moderno cinema italiano.

Os Antigos. — Muitos diretores famosos nada nos deram no decorrer de 1949. William Wyler, Roberto Rossellini, Charles Chaplin, John Brahm, Jean Renoir, Carol Reed e Emilio Fernandez — para só citarmos alguns — estiveram ausentes de nossas telas. Julien Duvivier compareceu com uma versão pictoricamente bonita mas dramaticamente insossa de "Ana Karenina". Alfred Hitchcock fez uma experiência interessante mas infeliz em "Festim Diabólico". King Vidor chegou ao ponto mais baixo de sua carreira com "Vontade Indômita". Sam Wood, que morreu em 1949, deu-nos um filme de segunda classe em "Trágica Decisão". Henri-Georges Clouzot decepcionou a muita gente com "Anjo Perverso". Michael Powell & Emeric Pressburger tentaram transportar o "ballet" à tela, com relativo sucesso, em "Os Sapatinhos Vermelhos", que também tinha uma história mal contada. William Wellman fez apenas um "western" agradável em "Céu Amarelo". Billy Wilder deu-nos duas comédias mais ou menos desinteressantes: "A Mundana" e "A Valsa do Imperador". Seu irmão, W. Lee Wilder, saiu-se melhor num filme modesto, "Círculo Vicioso", que merece menção especial por causa da coragem do seu tema. Dudley Nichols, que tão bem adaptou "A Longa Viagem de Volta" à tela, falhou lamentavelmente ao tentar transpor outra peça de Eugene O'Neill. "Mourning Becomes Electra" (Conflito de Paixões), do teatro para o cinema. Outra famosa peça americana, "The Time of Your Life", de William Saroyan, resultou num filme bem mais agradável, que vimos como "Um Momento em Cada Vida".

Anatole Litvak dirigiu dois filmes que muito deixaram a desejar, mas que mesmo assim tinham a marca de seu talento: "Na Cova das Serpentes" e "A Vida por um Fio". O veterano Alfred Werker foi uma surpresa com "O Demônio da Noite", um filme sensivelmente prejudicado pela superficialidade do cenário. Lewis Milestone fracassou em um de seus maiores empreendimentos, a versão cinematográfica de "Arco do Triunfo", provavelmente deturpada



BARBARA STANWYCK

pela censura. Por outro lado, dele foi uma das comédias mais agradáveis do ano, "O Pintor de Almas" — muito parecida com "Odeio-te, Meu Amor", a única apresentação que tivemos de Preston Sturges durante 1949.

Outro diretor que nos deu um bom filme e um espetáculo abaixo da crítica foi Howard Hawks. O bom filme também pode ser classificado como o melhor "western" do ano: "Rio Vermelho". Um final irrisório evitou que fôsse



MICHELINE PRESLE

fazer companhia a "No Tempo das Diligências" e "Os Bandeirantes" no rol dos maiores filmes do gênero. O fracasso de Hawks foi "A Canção Prometida", versão musicada e técnica. (Cont. na pág. 30)



CLAIRE TREVOR



JANE WYMAN



LANA TURNER
(METRO)

Telas da Cidade

De ALEX VIANY

Baixaiza

CRISS-CROSS — Produção e distribuição da Universal-International (Hollywood), 1948. Produção de Michel Eraike. Direção de Robert Siodmak. Cenário de Daniel Fuchs, baseado num romance de Don Tracy. Cinegrafia de Franz Planer. Efeitos cinegráficos especiais de David S. Horaley. Sonografia de Leslie I. Carey e Richard de Weese. Direção artística de Bernard Herzbrun e Boris Leven. Decorações de Russell A. Gausman e Oliver Emort. Partitura musical de Miklos Rozsa. Coordenação de Ted J. Kent. Lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1950. ★ Elenco: Burt Lancaster, Yvonne de Carlo, Dan Duryea, Stephen McNally, Richard Long, Esy Morales, Tom Pedi, Percy Holton, Alan Napier, Griff Barnett, Meg Randall, Joan Miller, Edna M. Molland, John Doucotte, Mark Krah, James O'Roar, John Miller.

Um velho romance de Don Tracy, lançado em 1934, serve de base a este relato de violência e traição. O cenário de Daniel Fuchs, que foi o responsável pelo original e o cenário do surpreendente "O Gangster", aproveita algumas das personagens de Tracy e também algumas situações. Fosse a censura de Hollywood mais inteligente, e é provável que Fuchs tivesse conseguido extrair do romance um filme capaz de ser distinguido da grande safra de violência do cinema americano. Seu cenário, entretanto, apesar de cinematograficamente aceitável, contém muito de corriqueiro, e só mesmo a direção de um Siodmak conseguiria valorizá-lo.

Em "Baixaiza", portanto, pode-se ver um bom diretor a lidar com uma história bastante fraca, cheia de chavões, e na qual a motivação das personagens nunca vai além da superfície. Há boas cenas de Siodmak: aquela do hospital, em que Burt Lancaster espera a visita de um enviado de Dan Duryea; toda a seqüência do assalto, planejado como uma campanha militar por um risível gênio do crime (Alan Napier); e aquela reprise da *jam session* de "A Dama Fantasma". Desta vez, vemos Yvonne de Carlo a dançar rumbas numa espelunca do bairro mexicano de Los Angeles, enquanto Burt Lancaster a espreita: o ritmo, o corte, e até mesmo o enquadramento têm muito da magnífica seqüência citada, em que Ella Raines acompanha o sinistro Elisha Cook Jr. ao reduto dos músicos maconheiros.

"Baixaiza" é, assim, um filme sem novidades — tanto na história como na direção. E' pena que Siodmak seja forçado a dirigir produções dessa natureza, tão abaixo de seu talento. Mas, pelo menos, ele prova que até uma atriz de parques recursos, como Yvonne de Carlo, pode dar a impressão de que está realmente interpretando um papel quando encontra um diretor de seu calibre. Isso, porém, não basta para recomendar este melodrama.

★

O Assassino mora no 21

L'ASSASSIN HABITE AU 21 — Produção francesa de 1942. Distribuição da França Filmes. Direção de Henri-Georges Clouzot. Cenário de Clouzot e Stanislas André Steemann, baseado num Thirard. Direção artística de André Andrejew. Partitura musical de Maurice Yvain. Lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1950. ★ Elenco: Pierre Fresnay, Suzy Delair, Jean Tissier, Noel Roquevert, Pierre Larquey, Odette Talazac, Marimiltenno, Jean Despeaux, Huguette Vivier, Natol, Florencie, Jean Balpétré, Louis Blondeau, G. Gallet, René Blancard, Gabriello, Raymond Bussiérés, René Génin, Pères, Sylvette Saugé, Léon Bélières.

O primeiro filme de Henri-Georges Clouzot como diretor independente (antes, já fizera dois em colaboração) chega-nos com um atraso de oito anos, depois de já termos visto "A Sombra do Pavor", "Crime em Paris" e "Anjo Perverso". Sem dúvida, é interessante vermos o início de uma grande carreira — e verificarmos que já neste filme policial Clouzot evidenciava o seu grande talento.

Tratado de maneira leve, segundo o estilo que nos habituamos a encontrar nas aventuras policiais de Myrna Loy e William Powell, "O Assassino Mora no 21" é, antes de mais nada, um espetáculo divertido. Os diálogos são alegres, muitas vezes picantes, e nem sempre foram bem traduzidos. Há intenção de ironia em todo o entredo, que bem pode ser tomado como sátira aos mistérios cinematográficos. E a solução, além de ser muitíssimo satisfatória para os fans do gênero, é também de uma ironia irresistível.

No elenco, não há nomes a destacar, comportando-se todos bem. Vale notar, entretanto, que Clouzot já fazia experiências nessa época, empregando mesmo a "camera-ôlho" em algumas das cenas iniciais.

Noite após Noite

NIGHT UNTO NIGHT — Produção e distribuição da Warner Brothers (Hollywood), 1947. Produção de Owen Crump. Direção de Don Siegel. Cenário de Kathryn Scola, baseado num romance de Philip Wylie. Cinegrafia de Peeverell Marley. Efeitos cinegráficos especiais de Harry Barndollar, Edwin du Par. Sonografia de Oliver S. Garretson. Direção artística de Hugh Reticker. Decorações de G. W. Bernitsen. Partitura musical de Fraz Waxman. Orquestrações de Leonid Raab. Direção musical de Leo F. Forbstein. Montagens de James Leicester. Coordenação de Thomas Reilly. Lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1950. ★ Elenco: Viveca Lindfors, Ronald Reagan, Osa Massen, Broderick Crawford, Rosemary de Camp, Art Baker, Craig Stevens, Erskine Sanford, Ann Burr, Johnny McGovern, Lillian Yarbo, Ross Ford, Irving Bacon, Almira Sossions, Dick Elliot, Lois Austin.

O primeiro filme americano de Viveca Lindfors, e o segundo de Don Siegel em longa metragem, servindo apenas para confirmar que ambos são muito talentosos.

Peeverell Harley nem sempre fotografa bem a beleza de Viveca Lindfors, sem dúvida uma das mais impressionantes do cinema mundial, mas dá-lhe pelo menos um grande e magnífico *close-up* — um *close-up* que me obrigou a assistir a parte da fita pela segunda vez, a fim de guardá-lo bem. Quanto ao diretor, pouco pôde fazer com um cenário muitas vezes infantil, partindo, entretanto, de uma ótima idéia. Vemos a promessa de Don Siegel em duas ou três cenas: os dois ataques do herói epilético, aqueles cavaleiros a cavalgar pela praia, e a notável tomada de grua que começa quando vemos o bilhete da heroína a entrar por debaixo da porta e termina por mostrar o herói na escada. Mas são coisas perdidas num filme incerto, cujo maior defeito está no próprio cenário.

Não deixa de ser melancólico que um tema tão apreciável tenha tropeçado numa cenarista como Kathryn Scola — que prefere recorrer ao espiritismo para resolver os conflitos de suas personagens.

Na interpretação, Ronald Reagan está execrável, e quase todos os outros deslocados. Só Viveca Lindfors e Osa Massen podem ser destacados. Agora que Lindfors & Siegel são casados na vida real, esperamos que consigam fazer alguma coisa realmente digna de seus respectivos talentos.

★

Sangue, Suor e Lágrimas

FIGHTER SQUADRON — Produção e distribuição da Warner Brothers (Hollywood), 1948. Produção de Seton I. Miller. Direção de Raoul Walsh. Cenário de Seton I. Miller e Martin Rackin. Cinegrafia (Technicolor) de Sid Hickox e Wilfred M. Cline. Efeitos cinegráficos especiais de Roy Davidson, H. F. Koenokemp e John Holden. Sonografia de Leslie G. Hewitt. Direção artística de Ted Smith. Decorações de Lyle B. Reifsnider. Partitura musical de Max Steiner. Orquestração de Murray Cutter. Lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1950. ★ Elenco: Edmond O'Brien, Robert Stack, John Rodney, Tom d'Andrea, Henry Hull, James Holden, Walter Reed, Sheppard Strudwick, Arthur Space, Jack Larson, William Mc Lean, Mickey McCardle.

Logo no princípio do ano, um sério candidato ao título de "o pior filme de 1950". Uma história de guerra com todos os chavões do gênero, parecendo uma versão paupérrima do recente "Trágica Decisão", de Sam Wood — o qual, por sua vez, já era uma paródia de "A Patrulha da Madrugada". Até o sargento cômico está presente, agora na pessoa de Tom d'Andrea, que cultiva gatos e amôres fortuitos em seu afã de fornecer "alívio cômico" ao drama.

Não há desempenhos a destacar. Todos os atores estão irremediavelmente péssimos. O mais lamentável é que Raoul Walsh tenha assinado o filme. Todas as boas cenas não são suas: foram extraídas dos documentários de guerra, provavelmente dos celebrados documentários de William Wyler.

★

Piedade Homicida

LIVE TODAY FOR TOMORROW, OR AN ACT OF MURDER — Produção e distribuição da Universal-International (Hollywood), 1948. Produção de Jorry Bresler. Direção de Michael Gordon. Cenário de Michael Blankfort e Robert Thoeren, baseado no romance "The Mills of God", de Ernst Lothar. Cinegrafia de Hal Mohr. Sonografia de Leslie I. Carey e Jack A. Bolger.

(Cont. na pág. 30)

Florence (Piedade Homicida) Eldridge Sabe sofrer



Burt (Baixaiza) Lancaster Sem novidades



Viveca (Noite após Noite) Lindfors Bonita e talentosa



Edmond (Sangue, Suor e Lágrimas) O'Brien Nada a destacar



Fredric (Piedade Homicida) March Bom desempenho



PARIS

MUNDIAIS



Micheline Presle, aquela deliciosa pequena de "Adúltera", e que, como vocês todos já devem saber, está filmando em Hollywood, tem um marido — o que nem todos sabiam. Infelizmente, para nós, são felizes

O ETERNO TRIÂNGULO

CONTINUA FUNCIONANDO NA ITÁLIA...

Já há novidades a respeito do tão propalado amor de Ingrid Bergman e o diretor cinematográfico italiano Roberto Rossellini. Parece que o célebre realizador de "Roma, Cidade Aberta" e "Paisá" fez saber ao seu produtor Barratolo que, sinceramente, não considerava definitivo o seu rompimento com Anna Magnani. Que dizem os leitores? A esta altura das coisas... êle aparece de sopetão e sai-se com essa: "Não estou muito seguro...". Segundo afirma Rossellini, somente ficará com Ingrid quando convencer-se de que ela realmente poderá substituir o lugar da italiana. Ainda que, intimamente, êle exclame: "A verdade é que nem um harém completo pode substituir Anna Magnani". Daí vocês podem perceber o nervosismo do produtor em saber o ponto de vista pessoal de seu diretor em toda essa história. E' lógico! E em forma colérica, parece que em toda a Itália, Barratolo, que é um homem muito poderoso, disse que se Roberto Rossellini não respeitar o contrato que o liga a êle por muitas películas juntamente com Anna Magnani, êle lhe moverá um processo "demolidor, brutal, colossal", que o vai deixar praticamente sem forças para continuar vivendo. Isso é verdadeiramente uma ameaça — ou não é? Mas é preciso ter muita paciência para unir todos êsses fios que mais parecem uma novela feita em capítulos, para que se chegue à uma conclusão definitiva. Saibam vocês, amigos leitores, que Rossellini declarou recentemente ao correspondente de "Cinepress": "Se Ingrid não me decepcionar (e disse isso em tom muito frio...) e se esta aventura não passa de um romance passageiro, que é que posso fazer? Sofrirei o processo... e que Deus me ajude". Em verdade, que Deus nos ajude a nós todos a entender todo êsse desenrolar estranho que se verificou na Itália entre o trio Magnani, Bergman, Rossellini — e agora acrescido de um quarto personagem: o produtor Barratolo, que anda fomentando a imprensa a todo instante, com declarações sensacionalistas que não dão paz espiritual a êsses personagens — que não são nada fictícios, e que, ao contrário, estão vivendo uma história, muito mais real do que pode parecer à primeira vista...



Embora poucos saibam, Betty Grable é uma das raras pequenas da Califórnia que têm o dom de lançar modas. Qualquer "novidade" que ela use, deixa de ser novidade, pois todos a imitam. Há pouco ela surgiu com umas blusinhas diferentes e originais, que passaram logo a ser comuns. Vocês compreendem as mulheres. A única coisa que muita moça gostaria de imitar é andar de braço com Harry James. Mas aí Betty protesta!

Principais acontecimentos de 49

(Nos estúdios Paramount)

CASAMENTOS

- 8 de Janeiro : Wanda Hendrix e Audie Murphy.
- 30 de Junho : Diretor Billy Wilder e a atriz Audrey Young.
- 31 de Julho : Gail Russel e Guy Madison.

NASCIMENTOS

- 3 de Junho : Stephanie Margarita, filha do diretor John Farrow e de sua esposa, Maureen O'Sullivan. E' o sexto filho do casal.
- 30 de Junho : Dana Morgan, filha do casal Sterling Hayden.
- 6 de Julho : Susan Elizabeth, o terceiro baby do sr. e sra. Burt Lancaster.
- 12 de Julho : Elizabeth, a segunda filha do casal MacDonald Carey.

27 de Setembro: Benjamin Briggs, filho da estrela Olivia de Havilland e do seu esposo, o escritor Aurelius Goodrich.

ESTREIAS CINEMATOGRAFICAS E RETORNOS AO ECRAN

- Estréia da dupla Dean Martin e Jerry Lewis no filme "A Amiga da Onça".
- Estréia de Lyle Bettger, ator da Broadway no filme "The Lie".
- Estréia da francezinha Corinne Calvet em "Zona Proibida".
- Estréia de Nancy Olson em "Sunset Boulevard".
- Estréia do astro do rádio e teatro, Jack Kirkwood, em "Fancy Pants".
- Estréia, como ator, do compositor Frank Loesser, em "Brasa Viva".
- Estréia do astro inglês Ralph Richardson, no cinema americano, em "Tarde Demais".
- Retorno de Gloria Swanson e Erich Von Stroheim em "Sunset Boulevard".
- Retorno de Mirian Hopkins em "Tarde Demais".
- Retorno de Marie Wilson em "A Amiga da Onça".

DE PORTUGAL

Uma das verbas previstas no orçamento geral do Fundo de Cinema Português destina-se a custear os estudos de técnicos portugueses, além de investigações que visam igualmente o desenvolvimento cinematográfico do país.

Os primeiros bolseiros começaram agora a partir para os seus centros de estudo. Oscar Acúrcio Pereira que, além de ser assistente de realização que trabalhou em mais filmes portugueses é, também, um ator cômico de grande personalidade e com largas simpatias no público, partiu para Roma, a fim de freqüentar os cursos do Centro Sperimentale di Cinematografia, de Roma. João Macedo, jovem operador, que é filho dum dos pioneiros da arte das imagens no nosso país, partirá em janeiro, também para Roma, onde, igualmente, vai freqüentar o Centro Sperimentale di Cinematografia, assim como diversos estúdios e laboratórios com o objetivo de se especializar em certos aspectos de fotografia e de efeitos especiais.



À esquerda: Durante uma filmagem "in loco", para a película "Ticket to Tomahawk", da 20th. Century Fox, Anne Baxter, inteiramente vestida com os trajes da região, visita uma autêntica vaqueira, durante um intervalo, deixando-se fotografar. Quem quiser pode aproveitar o modelo; o Carnaval está aí... À direita: Na ilha de Stromboli, enquanto prosseguem os "desentendimentos" entre os protagonistas da história amorosa da vida real (será tudo isso publicidade?...), Ingrid Bergman jura ser este o seu último filme. Aqui a vemos numa cena, à beira de uma sepultura

Cinema Brasileiro

De JONALD

JUSTIFICAÇÃO DE VOTO

Quando da resenha que efetuamos sobre os melhores do ano recém-findo, citamos rapidamente a nossa opinião a respeito dos mais destacados da temporada. Agora, vamos justificar o voto com as razões especificadas do voto que levaremos nos próximos pleitos da A.B.C.C. e do Círculo de Estudos Cinematográficos.

Diversos são os motivos da escolha de "Caminhos do Sul" para o melhor filme. a) — apresentou uma unidade de composição plástica nas cenas; b) — fixou costumes de ambientes típicos brasileiros, captando bem a atmosfera de uma região do país; c) — apresentou a melhor fotografia dos últimos tempos no cinema nacional. Houve falhas no roteiro, no ritmo de forma que a história não foi devidamente transmitida. No entanto, as interpretações em conjunto mantiveram um nível aceitável. No balanço de qualidades e defeitos foi o conjunto mais aceitável do ano. Por todos esses motivos é lícita também a escolha de Fernando de Barros para o melhor diretor. Para um trabalho de estréia demonstrou inegáveis méritos. Cabe também um registro para o supervisor geral da parte artística, o Conde Andrea de Roubillant, ex-diretor do cinema europeu que trouxe a contribuição da sua experiência.

Para os valores individuais do ano não encontramos melhor desempenho feminino do que o de Isabel de Barros em "Pinguinho de Gente". Já em "O Ébrio", a então garota teve oportunidade de apresentar qualidades. Agora, mais crescida, demonstrou que é um verdadeiro talento e não uma simples revelação. Através da sua conduta no filme foi fácil notar uma unidade interpretativa bem difícil de ser conseguida em cinema de qualquer origem.

A justificação de voto para Grande Otelo está baseada no fato de ter sido o ator mais natural do ano. O indivíduo errante e leviano que desempenhou em "Também Somos Irmãos" não tem, da mesma maneira do sucedido com Isabel de Barros, concorrente para a maior atuação do ano. Elemento já bastante conhecido tanto no cinema quanto no teatro encontrou agora a sua mais natural aparição na tela.

Para os que tenham aparecido pela primeira vez frente a uma câmera, isto é, as revelações do ano, dois nomes são fáceis de separar. Entre os atores, Roberto Acácio, em "Caminhos do Sul" e, entre as atrizes, Lia de Aguiar, em "Quase no Céu". Não há dúvida alguma de que tanto o pampeiro do filme de Fernando de Barros quanto a jovem que desejava um faqueiro de prata na película de Oduvaldo Viana foram as duas autênticas "descobertas" do ano.

A fotografia de Hélio Barroso Neto em "Caminhos do Sul" é uma outra intuitiva eleição. Foi tão excelente o seu trabalho que não será impossível que vença os próximos pleitos com unanimidade de votos. A partitura de Condordo Donicelli, em "Iracema" foi a mais equilibrada e harmoniosa do ano. O autor seguiu a idéia geral do livro e das imagens com acerto e, se não logrou nada de invulgar, pelo menos soube demonstrar uma intuitiva compreensão de música no cinema.

TOMADAS E PANORAMAS

ROCIR DA SILVEIRA. — Um dos representantes da nova geração no cinema nacional. Inicialmente, sonhou com as alturas, adquiriu asas de verdade tornando-se piloto da FEB durante a guerra. Em missão de treinamento foi ter aos Estados Unidos. Lá sofreu um acidente e ficou longo tempo internado num hospital. Tudo parecia perdido para o jovem Rocir. Sentado na sua cadeira de rodas, ameaçado de ficar inválido para sempre, longe da sua pátria, Rocir julgara encerrada a sua carreira. Porém foi justamente nessa situação que a sorte o bafejou. Houve um show no hospital. Rocir, contra todas as previsões, melhorou rapidamente. Pôde dançar novamente. Atraíu assim atenções e se exibiu na terra americana. Voltou finalmente ao Brasil. Ingressou na Atlântida depois de trabalhar no teatro. Foi o galã de "Falta Alguém no Manicômio" e "A Sombra da Outra" no papel de Mário. Agora é o rapaz norte-americano de "Carnaval no Fogo", animando um personagem que só fala inglês em todo o filme. Rocir, sob a direção de Watson Macedo, vai mostrar que também é dançarino, pois há vários números que executa com Eliana, no referido celulóide.

★

PAI JOÃO. — A Latini Studio vai iniciar as filmagens de "Pai João", a primeira produção cinematográfica brasileira sobre a figura folclórica do escravo negro. "Pai João" promete ser uma película original, não só pelo tema, como pelo seu sentido social. Encarregaram-se do



Cavalcanti veio ao Brasil e o Brasil o aceitou.
Agora o Brasil irá correr o mundo



ALBERTO CAVALCANTI
Filmando no Brasil

argumento, o poeta Wilson Rodrigues, autor do livro de poemas "Pai João" e o folclorista Joaquim Ribeiro, autor de "Aruanda", peça representada com grande êxito pelo Teatro Experimental do Negro. A direção de "Pai João" está entregue a Mário Latini, que viajará ainda esta semana para o interior, onde rodará as principais cenas desta nova realização do cinema nacional.

★

DIVULGAÇÃO CINEMATOGRAFICA BANDEIRANTE — Em São Paulo foi fundada mais uma organização cinematográfica, a Divulgação Cinematográfica Bandeirante. Contando com razoável capital a novel entidade adquiriu logo de começo uma vasta área na capital paulista a fim de ser construído o seu estúdio. Trata-se do local onde está construído o Edifício Fortaleza. Os principais diretores da companhia são os Srs. José Soares de Sousa e Eugênio Cupulo. Já se acha circulando nas telas brasileiras o jornal cinematográfico semanal "Bandeirante da Tela" e, dentro em breve, a novel entidade começará a produção de celulóides de longa metragem.

★

ESTILO BRASILEIRO NA VERA CRUZ — Entre as medidas altamente simpáticas da organização Vera Cruz, em São Paulo, está o sentido nacional que será fornecido aos celulóides da novel empresa. Não somente pelo argumento — "Caiçara", "A Vida de Noel Rosa", "Enrade", etc. — mas pelo rumo que já foi traçado para a produção são justas as esperanças no trabalho da capacidade de Alberto Cavalcanti. Prosseguem os serviços preparatórios de "Caiçara", a película inaugural da Vera Cruz. O equipamento adquirido pela novel organização já se encontra em grande parte no Brasil.

★

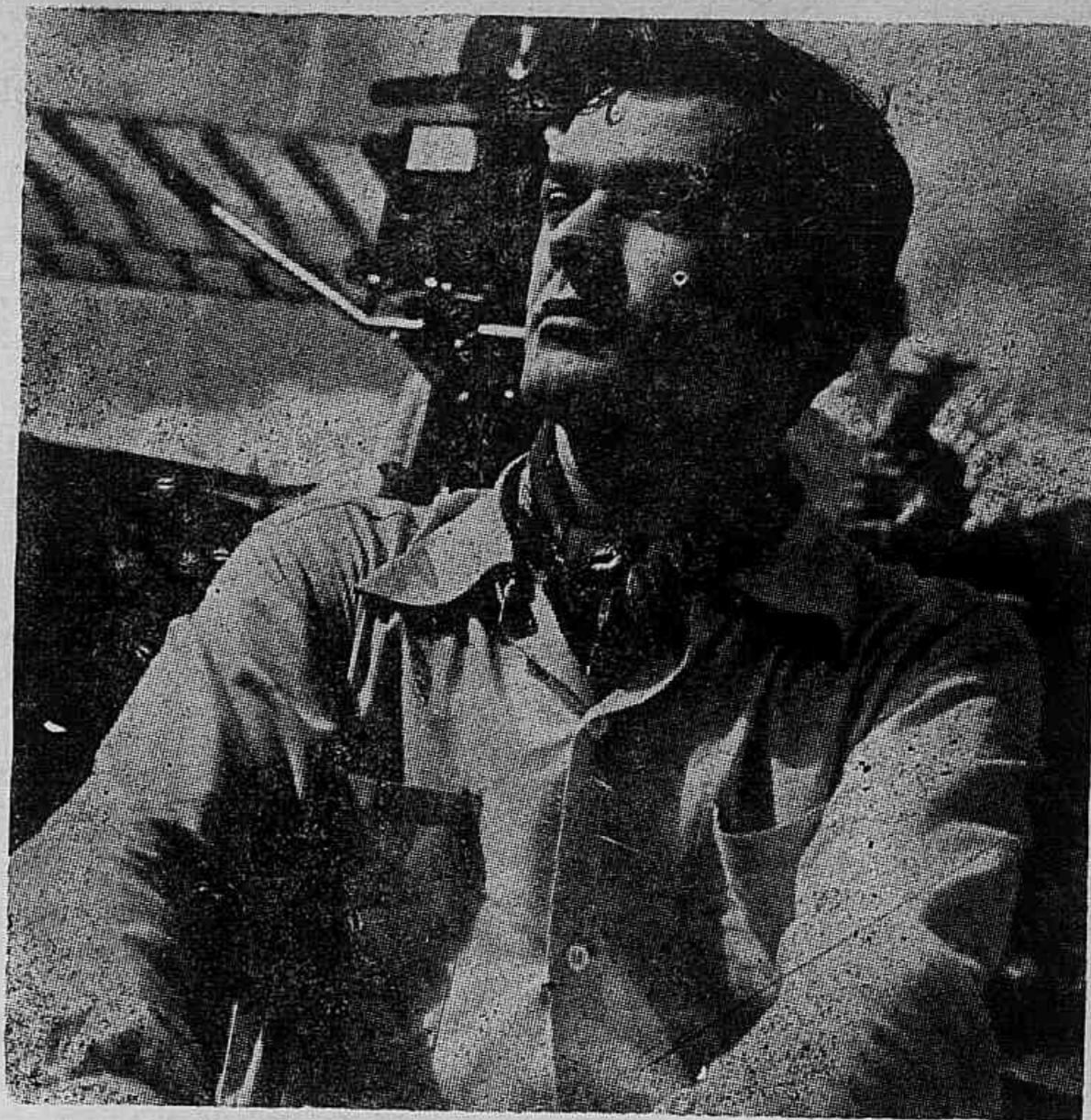
"TODOS POR UM" — A Cine Produções Fenelon estreará dentro em pouco mais um celulóide musical. O ex-deputado Barreto Pinto estreará como ator, em um dos papéis centrais. No elenco aparecem Colé, Maria Gracinda, Celeste Aída, Áurea Palva, Duarte de Moraes, Carlos Barbosa, Floripes Rodrigues, Emilinha Borba. O setor de melodias foi entregue a Ciro Monteiro, César Alencar, "Black Out", Trio Guarás, Marlene e outros. O argumento está baseado em uma sátira moderna, ao conhecido romance de Alexandre Dumas "Os Três Mosqueteiros".

★

CONCURSO CINEMATOGRAFICO PARA AMADORES — Iniciativa interessante foi a do Foto Clube Bandeirante abrindo um concurso para amadores, por intermédio de películas de dezesseis e oito milímetros, tanto para celulóides de ação dramática quanto documentários. Nas realizações de enredo foram classificadas "Noite Feliz", de Paulo Minervini; "Desejo", de Adolfo A. Pinto; "O Roubo Atroz", de Henrique Hirschfeld. Mais de dez trabalhos mereceram classificação no campo dos documentários. A comissão julgadora está composta dos seguintes nomes: Alberto Cavalcanti, Benedito J. Duarte, Carlos Ortiz, Orlando Nasi e Antônio da Silva Vitor.

★

ROCIR SILVEIRA — A Rádio Guanabara vem de contratar para o seu elenco de Rádio-Teatro, o ator Rocir Silveira, um nome conhecido no cinema e teatro. O novo exclusivo da PRC-8 estreou em 1943, vencido um concurso para a Cia. Cazarré-Modesto de Sousa, tendo trabalhado como galã de Heloisa Helena. Depois atuou na Cia. Dulcina-Odilon. Suas principais interpretações no palco, foram nas peças "Burro de Carga", "Boneco de Palha", "Mania de Grandeza", "Chuva", "César e Cleopatra", "Joana D'Arc" e "Dona do Mundo", Rocir Silveira emprestou a sua colaboração ao celulóide nacional, vivendo papéis de destaque nas películas "Falta Alguém no Manicômio", "Sombra da Outra" e "Carnaval no Fogo".



ANSELMO DUARTE
Está progredindo



"MUNDO ESTRANHO"
Alexandre Carlo e Angelica Hauffman



MARIA DELLA COSTA
Numa pose de estúdio

Futuras estreias

A GUERRA DE ROSSELLINI

Roberto Rossellini é agora mais famoso por causa de suas atividades donjuanescas do que mesmo como diretor cinematográfico. No entanto, só os seus filmes nos interessam aqui — e, especialmente "Paisá".

A segunda realização de Rossellini no após-guerra, "Paisá", teve a colaboração, nas seis histórias que o compõem, de Alfred Hayes, Frederico Fellini, Marcello Pagliero e Klauss Mann. Por intermédio de episódios independentes, que vão desde a Sicília ao Vale do Pó, o diretor quis traçar o impacto da guerra sobre as populações civis e também sobre os conquistadores americanos. Para isso, lançou mão de pouquíssimos atores profissionais e muitos amadores. O resultado é um filme imperfeito mas impressionante, consagrado pela crítica de quase todo o mundo.

Em "The New York Times", Bosley Crowther saudou "Paisá" com duas críticas avantajadas. Na primeira, escreveu: "É inútil tentar explicar, em termos familiares e concretos, o seu tema e natureza básicos, pois não é um filme comum — tanto em forma e construção dramática como nas coisas que tem a dizer. De certa maneira, é a antítese do clássico filme de enredo, e certamente solta faíscas de significação que são estranhamente raras no cinema. É possível que, para algumas pessoas habituadas com os filmes rotineiros, seja completamente confuso e deixe uma triste impressão de vácuo. Mas, pelo menos, não pode deixar de sacudir as vidraças dos olhos. E, em muitos casos, penetrará no consciente, deixando as emoções desgastadas". Depois de analisar os seis episódios, Crowther volta a tocar no filme como um todo: "Como dizemos, não há um seguimento dramático a que todos estes incidentes estejam ligados, mas o impacto cumulativo dos mesmos produz um efeito extraordinariamente perturbador. E o mais notável é que cada incidente é apresentado, de princípio a fim, da maneira mais sóbria possível, sendo evitados os climaxes clássicos e aplicados, quase obviamente, os anti-climaxes. A consequência disso é um curioso clima que vai se acumulando com o desenrolar do filme — um clima que lembra o centro de um furacão, sem vento e sem ar, no qual toda a tragédia subitamente parece ser fútil e insôssa".

Em seu segundo artigo, o crítico de "The New York Times" entrou em considerações ainda mais profundas. "O método e a maneira deste filme", escreveu, "merecem o mais cuidadoso estudo, pois é bem provável que venha a ser tido como um dos mais fortes documentos anti-guerreiros até hoje feitos. (...) Este não é um drama trágico bem alinhavado, no qual os fios sejam reunidos lá pelo final para um clímax devastadoramente clássico, no qual uma experiência é simbólica de todas. (iii). Esta é uma coleção apanhada ao acaso de seis episódios dramáticos, independentes uns dos outros a não ser pela circunstância da guerra. Em três episódios, há luta; nos outros três, a luta já passou e o conseqüente período de confusão, injustiça e frustração está em evidência. E já que cada um desses episódios não é senão um incidente no enorme conflito, senão um dentre milhões de pequenos dramas, é eloquentemente tratado como tal. (...) Este é, essencialmente, um filme de guerra visto de perto e de modo concreto através de olhos acostumados a todo o horror e angústia que pode causar. E' como se a câmera fosse um repórter a observar acontecimentos passageiros, cada um, um convite a um drama elaborado, se assim desejasse, e, no entanto, cada um se combinando tão completamente com o caráter da cena em geral que a câmera o focaliza sem paixão — e logo se move para o seguinte. Esse é um método de observação — de reportagem cinematográfica — que poderia parecer o assassino do efeito emocional cumulativo. E, para aqueles que se confundem com o método e não querem deixar que seus próprios cérebros aceitem as suas implicações, ele pode ser vexatório a princípio. No entanto, cria tamanha convicção, conforme os detalhes dos episódios se desenrolam, por meio das misteriosas e cruas visualizações do estilo documental de Rossellini — e por meio dos desempenhos realísticos de um elenco semi-profissional — que essa falta de sutileza e o anti-clímax estudado transformam-se no melhor meio descritivo do todo. A guerra é tão cheia de sofrimento humano, desespero e crueldade que cada episódio torna-se apenas mais uma demonstração de sua ironia cósmica. E uma saturação com esse sentimento é o efeito que o filme procura conseguir".

"A força de "Paisá" — escreve Robert Warshaw em "Partisan Review", periódico de Nova York. — está em certas imagens de perigo, sofrimento e morte que permanecem na consciência. (Cont. na pág. 30)

Noticias

Valendo-se de uma opção contratual, a Paramount contará por mais três anos com o trabalho artístico de Montgomery Clift.

Esse novato sensacional, após a estreia do filme "Tarde Demais", foi classificado pelos críticos como o "astro n.º 1 do Futuro".

No momento, Clift se encontra no Lago Tahoe, filmando "in location" algumas cenas de "A Place in the Sun", ao lado de Elizabeth Taylor e Shelley Winters.

★

No elenco do filme "Zona Proibida", há apenas uma mulher. Mas, que mulher! É ela Corinne Calvet, a dona de uma personalidade marcante, de uma plástica admirável e de uma técnica artística realmente magistral.

Essa encantadora atriz francesa faz seu "debut" no cinema naquele filme, atuando ao lado de Burt Lancaster, Paul Henreid e Claude Rains.

★

Frank Loesse, popular compositor de Hollywood, estreia como ator cinematográfico na comédia musical de Betty Hutton e Victor Mature "Brasa Viva".

São de sua autoria as quatro músicas apresentadas no filme pela "loura incendiária", inclusive a engraçadíssima paródia de "Hamlet", com a mais extravagante de todas as "Ofélias"...

Mr. Loesse desempenha o papel de um "gangster" cuja fraqueza é o piano...

★

Há música, e muita, na nova produção que Bing Crosby está atualmente filmando, intitulada "Mr. Music".

Para esse filme, no qual o famoso crooner interpreta o papel de um compositor preguiçoso que nunca termina suas canções, Johnny Burke e James Van Heusen, compositores responsáveis pela maioria das músicas que Bing interpreta em seus filmes, escreveram nada menos de oito primorosas melodias, inclusive uma linda valsa, "Milady".

★

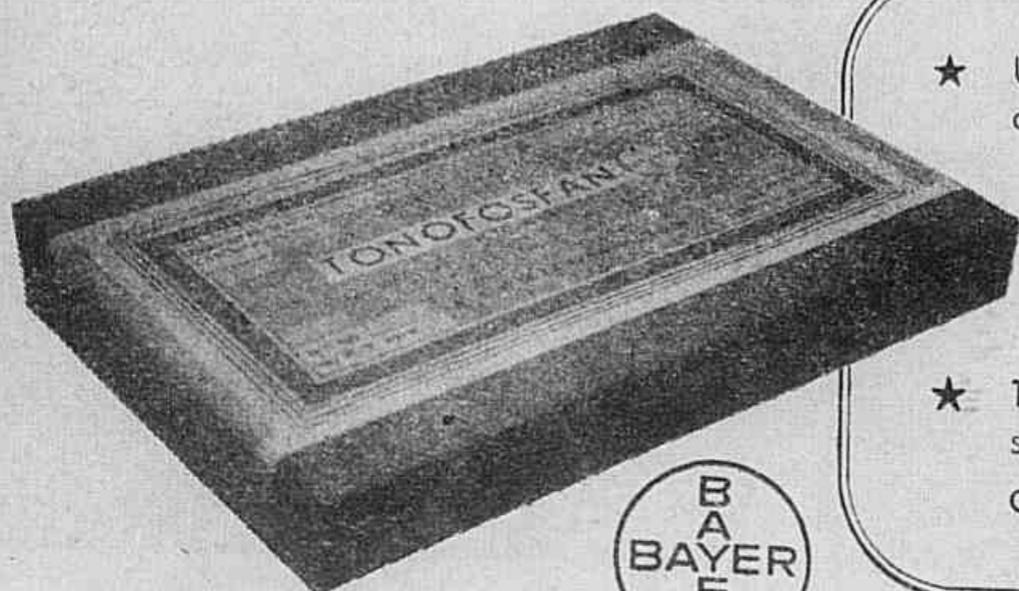
Robert Young foi contratado para fazer o papel principal masculino de "The Story of a Divorce", ao lado de Bette Davis, estrela do filme que Jack H. Sirk e Bruce Manning produzirão para a RKO Radio. Os fans vão ver esses dois artistas juntos pela primeira vez na tela, embora ambos sejam favoritos do público há muitos anos.

"The Story of a Divorce" é a história de uma mulher que, depois de vinte anos de vida matrimonial, se vê diante de uma situação inesperada — com o pedido de divórcio do marido. Amargurada a princípio, ela analisa o passado e chega à conclusão de que seu marido tem razões de sobra para querer divorciar-se.

Os cenários do filme estão sendo escritos por Bruce Manning, com uma nova técnica que elimina os defeitos do sistema usado para contar a história em retrospectiva. A direção do filme está a cargo de Curtis Bernhardt, que começará a sua tarefa em janeiro.

Robert Young acaba de fazer para a RKO "Bride for Sale", com Claudette Colbert e George Brent. "The Story of a Divorce" é a primeira de Bette Davis, depois de terminar seu contrato de 18 anos com a Warner.

TONOFOSFAN



★ Uma ampola de Tonofosfan contém 11% de fósforo em combinação orgânica rapidamente assimilável.

★ Tonofosfan é absolutamente atóxico.

★ Tonofosfan não produz efeitos secundários.

Cxas. com 10 e 20 ampólas de 1 cm³.

CINE-AQUI

POR *Leon Liachar*

O ESPETÁCULO COMEÇA QUANDO VOCÊ ACABA

AUTÓGRAFO DO AUTOR
Cada vez mais manjado

MINHA VIDA, MEUS AMORES

Com todo esse palminho de carinha bonitinha, com todo esse arzinho de mocinha ingenuzinha, Susan Hayward é, talvez, uma das mais perigosas mulheres de Hollywood. Talvez por isso, procurei me afastar, pois, com todo o meu prestígio de rapaz "duro", de rapaz "mascarado", de rapaz que não dá o braço a torcer, eu poderia cair pelos seus encantos. E ninguém ignora que o Sr. Jess Barker, seu marido, não gostaria nada da idéia.

Na época em que conheci Suzy, ela amava ardentemente seu esposo, com quem vivia perfeitamente feliz e alegre, tendo um par de filhos gêmeos, que todos diziam ser uns amores. Eu também disse. Mas acontece que, no momento em que eu dizia, Suzy passava por perto — e julgou que eu tivesse falado com ela. Como ela tivesse sorrido, mantive o engano durante três semanas — tempo exato que durou o nosso namoro. Confesso que foi o namoro mais "difícil" de toda minha vida amorosa. Além de termos que nos esconder do marido, tínhamos que nos livrar dos garotinhos e da "mamãe" Hayward, uma velhinha bem simpática, aliás.

Tudo começou com um chá — e terminou com um bôlo. Suzy deu o chá; eu dei o bôlo. Entre o chá e o bôlo foi que transcorreram os nossos encontros, sempre furtivos, sempre debaixo de uma tensão nervosa. Se descobrissem tudo, qual a situação de Suzy? Mas isso não é nada: e qual seria a minha situação? Minha reputação, nunca antes manchada (pelo menos ninguém sabe de nada), seria agora maculada. A dúvida entrou em minha cabeça com a mesma rapidez com que tomei a decisão de abandonar Suzy.

O telefone tocara na hora habitual. Pelo toque, eu podia jurar que era Suzy. Nunca me enganou. Suzy me dissera que seu

marido já andava desconfiado o que me causou surpresa, pois ele é americano. Contudo, fiz-lhe ver que a melhor solução seria a dissolução do caso. Ela aceitou imediatamente a idéia — concordando em abandonar o marido. Expliquei-lhe mais claramente então que não me referia ao marido, mas sim a mim mesmo, Leon Cineaquí. Uma lágrima saltou-lhe dos olhos e veio rolar nos meus ouvidos. Desliguei. Assim que puz o fone no gancho, senti remorso. Fui procurá-la em sua

casa. Sua fisionomia triste, completamente mudada, transfigurou-se quando me viu. Puxou uma cadeira e convidou-me para sentar. Dentro de poucas linhas, seu marido chegaria e ela confessaria tudo. Tremi. De medo? Não, claro. Tremi pensando na hipótese de que ele compreendesse tudo e nos desse a liberdade. Que seria de mim? Eu já não sentia a mesma coisa por ela. Repentinamente, seu marido chegou. Coloquei-me, então, dentro da cerca que estava na va-

randa, onde os seus garotos estavam aprendendo a andar. Fiz uma carinha de bebê e aguardei as consequências. Suzy deixou-se beijar pelo esposo, e quando ele indagou o que é que eu estava fazendo ali dentro, ela exclamou simplesmente: "E' amiguinho de nossos filhos, Jess, e veio brincar um pouquinho com eles". Jess Barker agachou-se junto a mim. Senti que a sua mão se aproximava de meu queixo com uma velocidade terrível. Mas ele limitou-se a segurar-me as bochechas e fazer: "Bilu-bilu-bilu!..." Não compreendi bem os sentidos daquelas palavras, mas nunca mais vi Suzy — porque nunca mais queria ver Jess.



Suzy sentia prazer em me ver prêso

CAP. 10

SUSAN HAYWARD

DORIS DURANTI

Doris Duranti, protagonista de "A Condessa Castiglione" e "Desembarca um Marinheiro", é toscana como o foi a formosa Condessa que ela interpreta no primeiro filme aqui citado. Nasceu em Livorno, em 1917; estava destinada a ser professora, mas escolheu um caminho completamente diferente e ao cabo de poucos anos chegou a ser uma das melhores artistas do cinema italiano, e atualmente do cinema universal pois Doris terminou recentemente dois filmes na América do Sul: um no Brasil e outro na Argentina.

Seu primeiro filme foi "Sentinelle di Bronzo", realizado totalmente na África, próximo ao Equador e representou um êxito extraordinário.

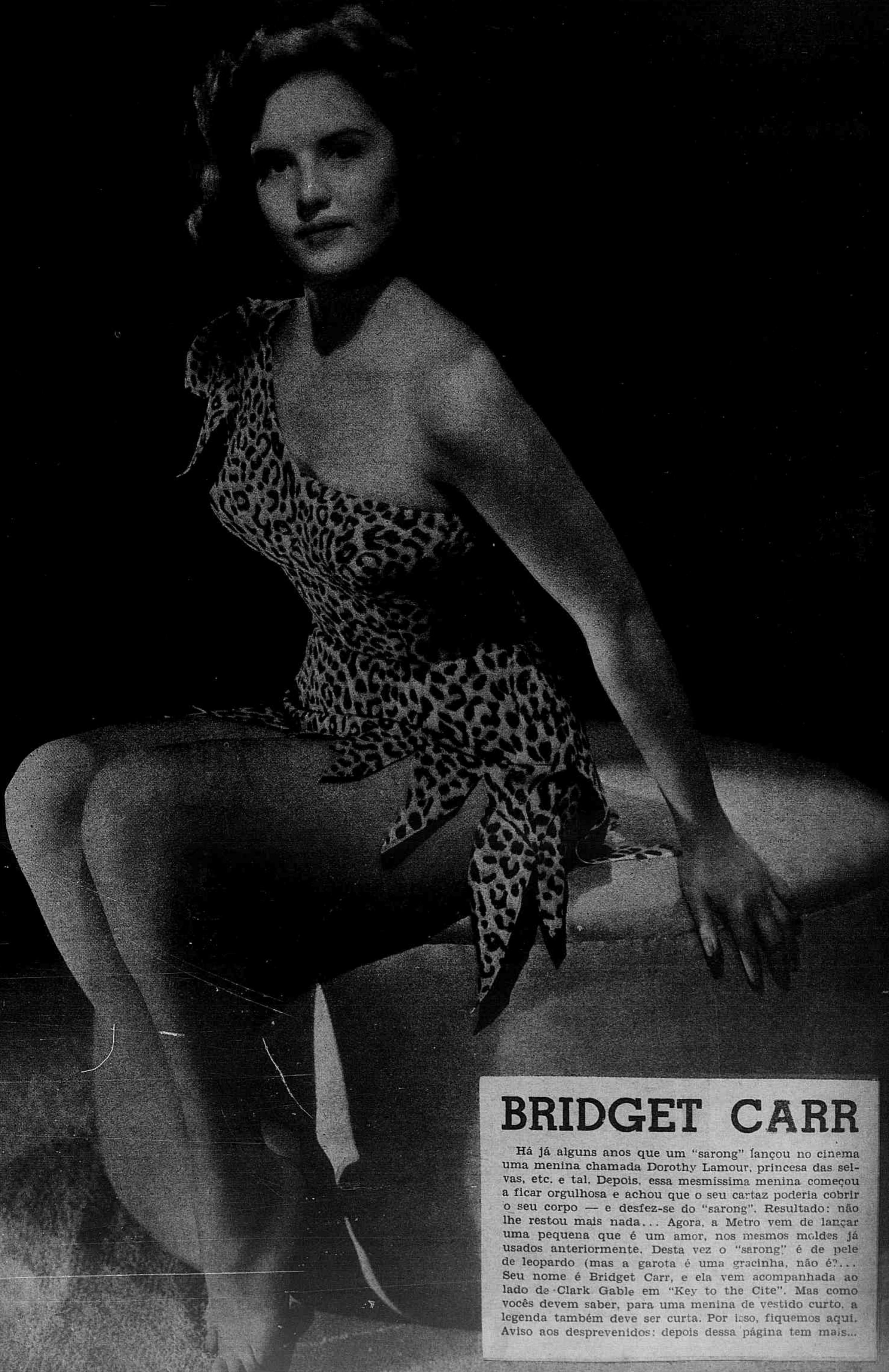
Dotada de fino temperamento artístico e de incomum inteligência, Doris Duranti em poucos anos percorreu notável caminho. Durante algum tempo os produtores acreditaram haver descoberto nela uma disposição natural para os papéis de "mulher fatal". Por isso apareceu em películas como "Diamanti", "Ricchezza senza domani", "Ciume Tragico" e outras.



Enquanto isso, porém, amadurecia o talento de Doris Duranti e a experiência foi útil a ela própria, porque a jovem artista descobria em si novas possibilidades. Vieram então filmes como "Il cavaliere di Kruga", "A Filha do Corsário Verde", "La Trappola" e "Giarabub" e Doris Duranti demonstrou que havia aperfeiçoado muito suas qualidades instintivas. E embora ela sustente com muita modéstia que seu melhor filme ainda não foi feito, não resta dúvida de que os três distribuídos pela Art-Filmes nesta temporada (uma versão de "Ressurreição", de Tolstoi ainda sem título definitivo para o Brasil, embora já se tenha chamado provisoriamente "Noturno de Sangue", "Ludibriada" e "Katucha"; "Desembarca um Marinheiro" e o terceiro "A Condessa Castiglione" são, para Doris, quiçá o último, uma afirmação de que pode estar justamente orgulhosa a jovem atriz.

Muito moça ainda, com personalidade própria e vibrante, muito apaixonada pela arte, com muito talento e muita vontade, Doris Duranti encarnou e deu vida à personagem da divina Condessa Castiglione, fazendo dela uma dessas criações da tela destinadas a perdurar longo tempo na memória dos espectadores.

Claro que Doris Duranti não representa apenas talento e beleza de rosto: seu corpo, de linhas divinas, poderá ser admirado em sua totalidade, em seu próximo filme, numa sequência em que ela se desnuda e, exuberante de graça e beleza, nos confunde com um sorriso que pode ser tanto de malícia e promessa, quanto de irônica superioridade...

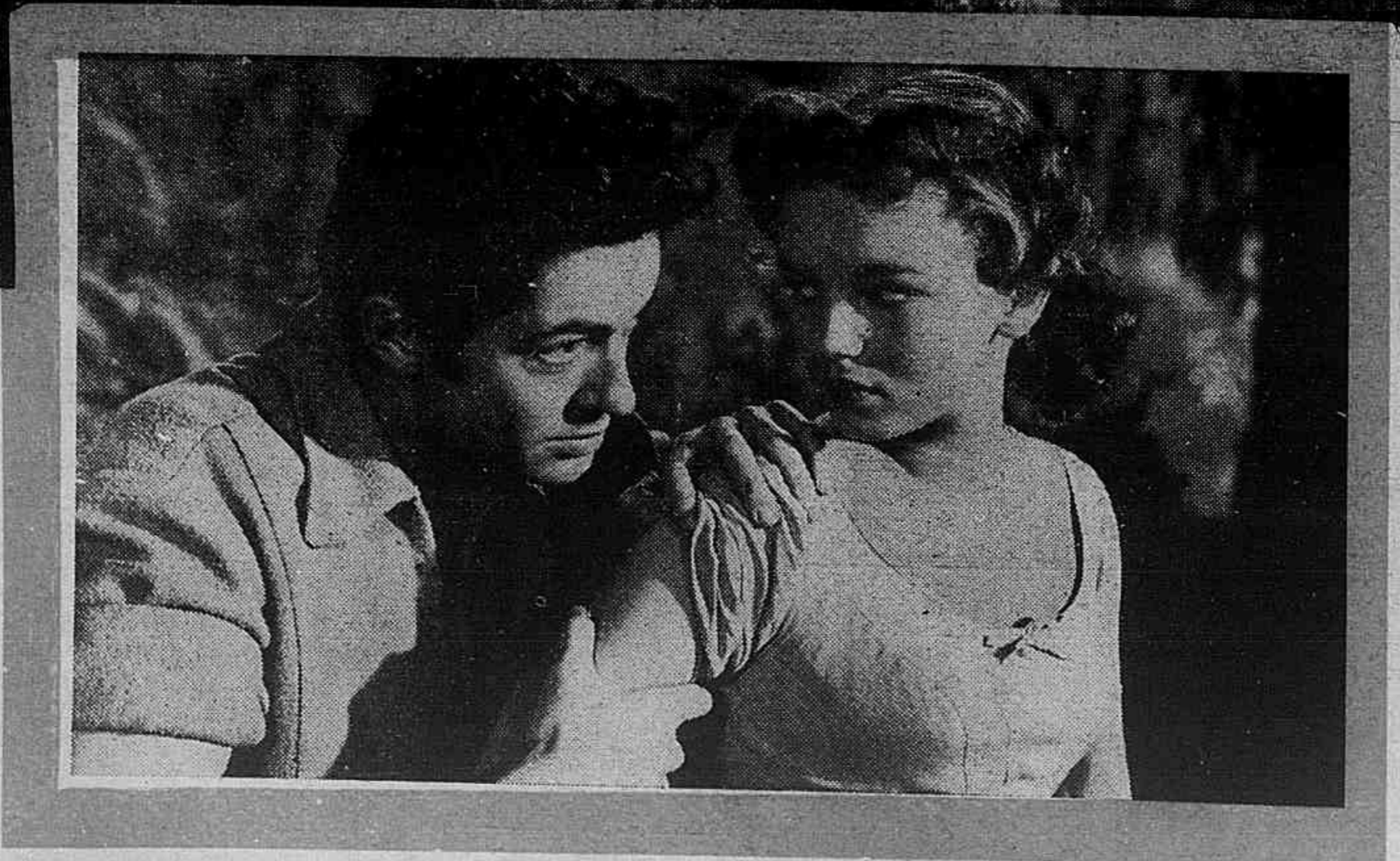


BRIDGET CARR

Há já alguns anos que um "sarong" lançou no cinema uma menina chamada Dorothy Lamour, princesa das selvas, etc. e tal. Depois, essa mesmíssima menina começou a ficar orgulhosa e achou que o seu cartaz poderia cobrir o seu corpo — e desfez-se do "sarong". Resultado: não lhe restou mais nada... Agora, a Metro vem de lançar uma pequena que é um amor, nos mesmos moldes já usados anteriormente. Desta vez o "sarong" é de pele de leopardo (mas a garota é uma gracinha, não é?... Seu nome é Bridget Carr, e ela vem acompanhada ao lado de Clark Gable em "Key to the City". Mas como vocês devem saber, para uma menina de vestido curto, a legenda também deve ser curta. Por isso, fiquemos aqui. Aviso aos desprevenidos: depois dessa página tem mais...



Com 3 filmes apenas, Farley Granger conseguiu um numeroso público, e é considerado como uma das maiores revelações de 1939



Depois de "Festim Diabólico", "Encantamento" e "Amar-ga Esperança", Farley Granger aparecerá ao lado da nova descoberta: Joan Evans, em "Roseana Mc Coy", da RKO

Farley
que apar
a 1 de jul
ley Earle
fórnia, e
era da alt
de golfe d
Farley,
dente dire
1618, para
A única
lhe fez G
"The Woo
fizesse ce
tomou par
Embora
colha de
foi o resu
Langdon,
cesse Perc
o pai de
filme. Tan
e Lillian
encorajara
bem em "
realmente
vros e ao
Samuel G
deu um d
a 20th Cen
Tem 1 m
e cabelos
franco. Su
que éle ga
aperfeiçoar
Em feve
rinha de
mento inte
de operaç
classe. Em
primeiro
para a R

Granger, a nova revelação do cinema americano, será brevemente em "Roseana Mc Coy", nasceu em 1925, em San José, Califórnia. Seu pai, Far-Granger, era de uma família de pioneiros da Califórnia, sua mãe Eva May Hopkins de Mobile, Alabama, e pertence à sociedade da Península de S. Francisco e campeão do "San José "Country Club" em 1929.

Granger goza das regalias de filho único, é descendente de Lancelot Granger, que veio da Inglaterra em 1607 para viver em Jamestown, na Virgínia.

Granger teve experiência teatral de Farley, antes do teste de Goldwyn, foi uma semana de representação da peça "The Purple Heart", onde fez o papel do "primo Heitor", e embora tenha participado para as peças de sua Universidade, nunca atuou em nenhuma delas.

Granger não tem seus pais nunca o tenham influenciado na sua carreira, o seu gosto pela arte de representar vem do estado da grande amizade de seu pai com Harry Langdon, o maior do cinema silencioso. Langdon, como conhecido por Vivian, diretor de "The Wookie", instou com Farley para que este tentasse um papel naquele filme. Também Robert e Ruth Stranger, produtores do rádio e Byrne, professor da "North Hollywood High", o influenciaram na carreira. Embora ele se tivesse saído muito cedo de "The Wookie", esperou muito tempo até que fosse descoberto, voltando por isso ao convívio dos jogadores do time de futebol de sua Universidade. Foi quando Goldwyn descobriu nele um grande talento, lhe ofereceu um papel no filme "North Star". Mais tarde foi para a Twentieth Century Fox, onde fez "The Purple Heart".

Granger tem 2,27 metro e 85 de altura e pesa 78 quilos, possui olhos castanhos escuros, dentes perfeitos e um sorriso encantador. Sua maior ambição é ser um grande ator, para o qual dedica o melhor de seu trabalho, procurando sempre aperfeiçoar-se.

Em maio de 1944, Farley foi convocado para a Marinha em San Diego, onde, depois de vários meses de treinamento no campo dos Estados Unidos, partiu para o campo de batalha do Pacífico, como marinheiro de primeira classe. Em abril de 1946 voltou ao convívio civil. O seu primeiro filme de pós-guerra foi "They live by Night", da Twentieth Century Fox, onde co-estrelou com Cathy O'Donnell e Ho-



FARLEY GRANGER, A CAMINHO DA GLORIA



FARLEY GRANGER
Ontem, uma revelação; hoje, um "astro"

ward da Silva. A seguir fez "Festim Diabólico", dirigido por Alfred Hitchcock e novamente sob a direção de Goldwyn estrelou "Encantamento", com Tereza Wright, David Niven, Evelyn Keyes e a nova sensação de Mr. Goldwyn, Gigi Perreau.

Atualmente está estrelando com Charles Bickford, Raymond Massey, Richard Basehart, Gigi Perreau e Joan Evans, outra descoberta de Goldwyn em "Roseana Mc Coy", dirigido por Irving Reis e apresentado pela RKO. Na opinião da crítica e dos próprios leitores de A CENA, em sua enquete, Granger é considerado como uma das melhores revelações masculinas de 49.

A VÊNUS CUBANA

MARIA ANTONIETA PONS é uma dessas meninas de "fechar o comércio"; sim, de fechar o comércio; sim, de fechar o comércio porque ninguém quer ir trabalhar, só para vê-la. Pelo menos foi isso o que aconteceu quando foi exibido aqui no Rio o seu primeiro filme: "Paixões tormentosas", onde a orquestra fazia misérias para poder acompanhar os seus movimentos rumbásticos. Cubana de nascimento, Maria viu a luz pela primeira vez em La Habana, no dia 5 de março de 1923 (faça as contas, amigos, faça!). Tinha 15 anos apenas quando foi "descoberta" pelo produtor Juan Orol. Naquela época (um brotinho, calculem!) não pensava ainda em ballados e cinema. Dissemos ainda, porque não tardaria muito que o próprio Juan Orol decidisse que o lugar daquele corpo era diante de uma platéia. Especialmente quando planejava realizar uma película carnavalesca. Os pais de Maria não queriam saber de cinema. Mas Juan Orol tanto insistiu que acabaram consentindo que a filha dançasse uma rumba no tal filme. Ora, Juan apressou-se em arranjar um professor de dança, e o resultado foi que, logo depois da primeira aula, o professor acabou mesmo aprendendo a dançar com Maria... Isso caracteriza perfeitamente o seu talento criador, intuitivo, inigualável no seu gênero. Esse foi o início da carreira profissional de Maria Antonieta Pons. Obteve um sucesso que logo ultrapassou as fronteiras de Cuba. Seu famoso "passo del Tembleque" produziu alvoroços indescritíveis em Nova York no "Habana-Madrid" e no "Irish" de Amsterdam Avenue. Depois ela passou por toda a América, colhendo aplausos sem conta onde quer que aparecesse. Chicago, Santo Antônio, São Francisco, Los Angeles... Aí ela conheceu o produtor mexicano Guilherme Calderon, com o qual voltou ao México para estrear "Noches de ronda", com Ramon Armengod. Maria Antonieta Pons fixou-se no México e realizou inúmeros filmes de classe, tais como "Cruel destino", "Anjo ou demônio", com Armando Calvo; "Balajú", "Paixões tormentosas", com Yadira Jimenez (sua mãe), e finalmente "A mulher do cais", ao lado de Victor Junco. Maria Antonieta Pons é o verdadeiro tipo da "criolla" cubana, de pele ambarina, de grandes olhos escuros, corpo esbelto, andar cadenciado e sensual. Adora as canções românticas... e as touradas! Geniosa temperamental, explode por qualquer coisinha. O que não impede que ela se arrependa e procure remediar o estouro. Porque Maria Antonieta Pons tem um coração boníssimo, de uma bondade tão grande quanto a sua escultural beleza, essa estonteante beleza em que não sabemos o que mais apreciar: o olhar chamejante, a boca sensual, o busto maravilhoso...





ORFÃOSINHOS DO BARULHO

Título original:
"I DUE ORFANELLI"

ELENCO:

Totó (o maior cômico italiano), Isa Barizza, Carlo Campanini, Nerio Bernardi, Raimond Bussiere, Franca Marzi, Ada Dondini, Guglielmo Bernabé, Annette Poivre, Luigi Almirante, Galeazio Benti.

Produção Minerva, distribuição Art-Films
Direção de Mario Mattoli

RESUMO:

Paris, cidade da alegria, do prazer, luzes, flores, champanha! Época feliz: os patifes eram patifes mesmo, os homens honestos, honestíssimos! O quilo de pão custava dois vinténs, mas por um desfalque de 2 vinténs suicidava-se um ministro de Estado... Época simples

quando o Jean-Paul Sartre se chamava Xavier de Montepin e Rita Hayworth era Sarah Bernhardt... Enquanto a cidade das mil luzes preparava-se para uma nova noite de orgia, em um pequeno orfanato o último hino preparava almas simples para o justo repouso... São todos órfãos: as donzelas, a diretora, o jardineiro, o zelador, a cadeirinha Josefina... Antes da ceia a diretora avisa que fará uma viagem no dia seguinte e confia o orfanato à guarda de Batista, um dos órfãos, e do seu companheiro Gaspar, recomendando-lhes que ali nunca deverá entrar UM HOMEM!

Mas nessa noite o noivo de Matilde, fôra órfãzinha, enfeitada, vem ao jardim acompanhado de seus colegas oficiais hussardos fazer uma serenata coletiva, para gáudio das pequenas e horror da diretora! Gaspar, que é meio aluado, tem a mania de viver podando as árvores do jardim e numa bruta tesourada acaba "podando" o enfeite do quépi do noivo de Matilde. Depois, apodera-se de um fuzil e ameaça matar a diretora, as moças, os oficiais, fazer um massacre completo!

(Cont. na pág. 24)



"A CENA" apresenta:

FOCALISANDO ASTROS
E ESTRELAS

Cine

NOVIDADES

Foto-desenhos de
A. PINHO

Legendas de
W. COSTA

EXCLUSIVIDADE EM
TODO O BRASIL

Nasceu em Hot Spring, Arkansas, no dia 13 de setembro de 1913. Talvez seja o mais popular ator de Hollywood no Brasil. Na tela, começou em algumas pontas sem importância. Teve o seu primeiro sucesso quando a Paramount lhe ofereceu melhor papel em "Alma torturada" (This gun for hire), onde Ladd roubou completamente o filme, pondo no bolso todos os outros atores, inclusive Veronica Lake. Depois Ladd começou a aparecer como principal intérprete de seus filmes, e levou para a Paramount uma boa renda anual, visto seus filmes possuírem grande interesse de bilheteria. Grande esportista, consagrou-se campeão de natação em vários clubes e disputas da costa do Pacífico. Antes de entrar para o cinema, ocupou-se em várias profissões, inclusive na de repórter de alguns jornais da Califórnia. É casado com a antiga atriz Sue Carol. Ladd teve na esposa uma das mais eficientes auxiliares para a sua vitória no cinema. Sue, como ele próprio afirma, foi a principal responsável pela sua vertiginosa e brilhante carreira artística.

ALAN

LADD



Shirley Temple, a "estrela" saudosista que preferia ter permanecido sempre criança, acha que a vida de adulta não vale as delícias da infância, pois como todos os seus fãs sabem ela não foi feliz no casamento, estando hoje já divorciada de John Agar.

TYRONE
POWER

Tyrone Power, o "astro" que com o seu talento artístico e especialmente com a simpatia que lhe tem valido os aplausos do mundo feminino, casa-se pela segunda vez, com a jovem "estrela" Linda Christian, pois, como todos sabem, o seu primeiro casamento foi um tanto curioso porque sua esposa, a atriz francesa Annabella, era bem mais idosa do que ele. Agora Ty jurou que Linda é o seu único e verdadeiro amor.



GLORIA

de

HAVEN



Gloria de Haven, em "Yes, sir that's my baby" aparecerá ao lado de Jacky Jenovese, o "astro" de 14 meses apenas, a maior descoberta, em trinta anos, no gênero, isto é, desde que Jackie Coogan apareceu.



O ANO CINEMATOGRAFICO

(Cont. da pág. 30)

Em 1949, conhecemos melhor dois bons realizadores do cinema italiano: Alessandro Blasetti e Alberto Lattuada. Do primeiro, tivemos "Romântico Aventureiro" (1940), "Farsa Trágica" (1941) e "Um Dia na Vida" (1946). Com o que dele já vimos, podemos agora fazer uma idéia mais completa de seu valor como cineasta — e é uma idéia das mais lisonjeiras. De Lattuada, assistimos a mais dois filmes: "Sublime Recordação" (1943) e "Delito" (1947), ambos dignos do diretor de "O Bandido", que tão bem consegue misturar realismo com romantismo.

ATORES

Tantos foram os bons desempenhos de 1949 que nós nos limitaremos, aqui, a enumerar alguns, quase sem comentários: Aldo Fabrizi em "Meu Filho Professor" e "Delito"; William Powell em "Nossa Vida com Papai" e "O Senador Indiscreto"; Jean Louis Barrault, Marcel Herrand e Pierre Brasseur em "O Boulevard do Crime"; Robert Ryan em "Punhos de Campeão"; Kirk Douglas em "O Invencível"; Gérard Philipe em "Adúltera"; Farley Granger e Howard da Silva em "Amarga Esperança"; Bernard Blier e Marcel Dalio em "Escravas do Amor"; Laurence Olivier em "Hamlet"; Orson Welles em "Macbeth"; Bobby Driscoll em "Ninguém Crê em Mim"; Paul Douglas em "Quem é o Infiel?"; John Wayne e Montgomery Clift em "Rio Vermelho"; Maurice Chevalier em "Silêncio de Ouro"; Walter Huston, Humphrey Bogart e Alfonso Bedoya em "O Tesouro de Sierra Madre"; Alf Kjellin e Stig Jarrel em "A Tortura de um Desejo"; Ivan Jandl em "Perdidos na Tormenta"; Rinaldo Smordoni e Franco Interlenghi em "Vítimas da Tormenta"; Richard Baseheart em "O Demônio da Noite"; Danny Kaye em "O Homem de Oito Vidas"; James Barton em "Um momento em Cada Vida"; Louis Jouvet em "Estranha Coincidência"; Amedeo Nazzari e Osvaldo Valenti em "Farsa Trágica"; John Dall em "Festim Diabólico"; Fredric March em "No Caminho da Vida", etc.. Se tivéssemos de destacar um só dentre todos esses, a tarefa seria deveras difícil. Note-se que, excepcionalmente, quatro meninos aí estão, em pé de igualdade com os mais velhos. Bobby Driscoll, Ivan Jandl, Franco Interlenghi e Rinaldo Smordoni. Provavelmente, nunca houve um ano cinematográfico que apresentasse tantos desempenhos infantis dessa categoria. Pondo-se de lado os garotos, escolheríamos Aldo Fabrizi, e isso porque ele provou que não é somente um grande ator natural, mas tam-

★

A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com o óleo de peroba.

bém que pode receber direção, neste caso a de Lattuada, em "Delito", sem dúvida o seu trabalho mais discreto. Mas há outros — Barrault, Huston, Philipe, por exemplo — que estão no mesmo plano. Na lista também estão os grandes coadjuvantes do ano — Bedoya, Herrand, da Silva, etc. — e mesmo um estreante (Paul Douglas).

ATRIZES

Não menos generoso foi 1949 em bons desempenhos femininos: Michéline Presle em "Adúltera"; Cathy O'Donnell e Helen Craig em "Amarga Esperança"; Arletty em "O Boulevard do Crime" e "Os Visitantes da Noite"; Yvonne Sanson em "Delito"; Elisa Cegani em "Um Dia na Vida"; Mariella Lotti em "Um Dia na Vida" e "Sublime Recordação"; Simone Signoret e Jeanne Marken em "Escravas do Amor"; Eileen Herlie e Jean Simmons em "Hamlet"; Jeanette Nolan em "Macbeth"; Claire Trevor em "Paixões em Fúria"; Mai Zetterling em "A Tortura de um Desejo"; Vivi Gioi em "Trágica Perseguição"; Anna Magnani em "Angelina Deputada"; Olivia de Havilland em "Na Cova das Serpentes"; Jane Wyman em "Belinda"; Mary Astor em "Ato de Violência"; Vivien Leigh em "Ana Karenina"; Marlene Dietrich e Jean Arthur em "A Mundana", etc.. Também é difícil destacar uma delas. Michéline Presle, Arletty, Olivia de Havilland e Jane Wyman parecem estar empatadas em primeiro lugar. Para nós, Cathy O'Donnell é a melhor atriz nova do cinema americano e devemos também citar Ruth Roman, que tão bem se portou em "Ninguém Crê em Mim" e "O Invencível". Outras notáveis revelações do ano forem Yvonne Sanson, Mai Zetterling, Eileen Herlie e Vivi Gioi, esta última com uma intensidade dramática de fazer inveja à Magnani. Os papéis coadjuvantes foram muito bem defendidos, mas, para nós, Claire Trevor e Jeanne Marken merecem um lugar à parte.

CINEGRAFISTAS

Mais difícil ainda do que escolher o melhor ator ou a melhor atriz de 1949 seria escolher o melhor cinegrafista. Quase todos os grandes apresentaram excelentes trabalhos nos doze meses que se passaram — e, além disso, alguns novos apareceram muito bem. De memória, destacamos os seguintes: Alekan em "Ana Karenina"; George Diskant em "Amarga Esperança"; Jean Bourgoïn em "Escravas do Amor"; Martin Bodin em "A Tortura de um Desejo"; John Alton em "Moeda Falsa" e "O Demônio da Noite"; Roger Hubert em "Os Visitantes da Noite"; William Steiner em "Ninguém Crê em Mim"; Milton Krasner em "Punhos de Campeão"; Robert Surtees em "Ato de Violência"; Armand Thirard em "Anjo Verso"; Joe McDonald em "Céu Amarelo"; Massimo Terzano em "O Duelo"; Russell Har-

lan em "Eles Passaram por Aqui" e "Rio Vermelho"; Paul Ivano em "O Gangster"; Franz Planer em "O Invencível"; James Wong Howe em "Um Momento em Cada Vida"; Leo Toyer em "Na Cova das Serpentes"; Anchise Brizzi em "Vítimas da Tormenta", etc.. No campo do cinema colorido, somente um filme conseguiu destacar-se dos demais pela discreção de sua cor: "O Céu Mandou Alguém", fotografado por Winton Hoch.

CENARISTAS

Continuaram a brilhar em 1949 muitos dos cenaristas já consagrados, alguns dos quais — como Clouzot, Wilder, Welles, etc. — também dirigem os seus filmes. Jacques Prévert vem logo em primeiro lugar, tendo contribuído muito para o sucesso artístico de "O Boulevard do Crime" e "Os Visitantes da Noite". O cinema francês também revelou um cenarista de rara força em Jacques Sigurd, que escreveu "Escravas do Amor". Jacques Becker, por sua vez, provou ser tão bom cenarista como diretor em "Antônio e Antonieta".

No cinema americano, alguns cenaristas novos obtiveram sucesso: Mel Dinelli em "Ninguém Crê em Mim"; Carl Foreman em "O Invencível"; Art Cohn em "Punhos de Campeão", etc.. E não devemos esquecer o sueco Ingmar Bergman, que colocou "A Tortura de um Desejo" sobre uma firme base psicológica, Bergman, incidentalmente, já dirigiu diversos filmes por conta própria.

COMPOSITORES

Não houve, pode-se dizer, uma grande partitura em 1949. Na verdade, o que de melhor houve em questão de música cinematográfica, foi a ausência de partituras especiais em "A Voz da Honra", "Céu Amarelo" e "Punhos de Campeão", filmes que muito bem souberam usar os ruídos naturais e a música direta. Ainda assim, umas poucas partituras podem ser destacadas: a de Jacques Ibert para "Macbeth"; a de Arthur Bliss para "Atavismo", baseada em motivos africanos; a de Bliss para "Cristóvão Colombo"; a de Miklos Rozsa para "A Sedutora Madame Bovary"; a de Maurice Thiriet para "Os Visitantes da Noite", etc.. Muitos outros filmes, entretanto, foram estragados ou prejudicados pelo excesso de música — principalmente os filmes americanos, cujas partituras exuberantes e estereotipadas quase sempre tiram bastante do impacto dramático das histórias. A pior partitura do ano foi a que Howard Hughes aranjou para "O Proscrito". "Sangue na Lua", um "western" interessante de Robert Wise, é outro exemplo de um filme sensivelmente prejudicado pela música, neste caso de Roy Webb.

NOTA: Na próxima semana trataremos dos diversos gêneros (comédia, "western", musical, etc.), e do cinema brasileiro.

★

A boa aparência é tudo. Embora estejam velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando o óleo de peroba.

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

ONDE CAFIASPIRINA CHEGOU
A DÔR PAROU



CAFIASPIRINA
ALIVIA E REANIMA

Orfãosinhos do barulho

(Cont. da pág. 21)

Batista o acalma. Entrementes, o oficial consegue entrevistar-se com Matilde. Ai lhe comunica que os seus pais se opõem ao casamento por saber que ela tem origem ignorada. No dia seguinte Batista e Gaspar, às escondidas, cortam um cachinho dos cabelos da lourinha e vão a uma eminente quiromante descobrir quais os pais de Matilde.

Gaspar esquece em casa o pacote com os cachinhos da moça e na hora H entrega à adivinha uma mecha de seus próprios cabelos. A bola de cristal funciona. A quiromante lhe comunica a verdade: ele é filho do famoso Duque de Latour-Lafitte. Os dois pândegos dirigem-se, pois, ao palácio dos Lafittes. O tio de Gaspar, que não passa de um refinado larápio, havia se apoderado da fortuna do sobrinho há muitos anos, e não fica naturalmente muito satisfeito com o imprevisto aparecimento do incômodo sobrinho-jardineiro. Encarrega Susana de Merlin, uma pequena sapeca e muito gostosa, de enganar o novo duque-jardineiro, até que ele e o seu falso procurador o liquidem com bombinhas chinesas...

Enquanto isso, no orfanato, as pequenas descobrem que estão a sós, sem diretora, sem professoras caritós e sem zeladores e, de posse de tão almejada liberdade resolvem fazer uma porção de peraltices, começando por fazer uma coisa que há muito desejavam: tomar banho totalmente despidas, ao que sucede uma grande farra colegial!

No palácio do tio, Gaspar se prepara para ser recebido no quarto de Susana, a quem diz amar sinceramente. Providencia ele para que Batista, feito seu procurador único, execute ao piano "A prece de uma

Querendo ver os seus móveis sempre novos
consERVE-os com o óleo de peroba.

virgem". ...Susana, semi-nua e provocante, recosta-se no divã e chama o nosso herói para ver a sua coleção de selos chineses... Ele, então, cínico, indaga se pode fazer tudo o que quiser. Ela concorda. Então o destemido herói das Arábias resolve descalçar os sapatos que lhe estão incomodando os calos... Nisso são surpreendidos por um suposto marido de Susana que convida o "valiente" galanteador para um duelo no Bosque de Boulogne.

Partem. Quando chegam ao bosque encontram dezenas de outros paisanos batendo-se arduosamente, cada qual por sua dama, cada qual com seu destino. Gaspar a principio recusa a participar de semelhante chacina mas, por fim, é obrigado a empunhar uma espada. E o faz do modo mais engraçado. Nisto chegam, a passo marcial, os soldados do Imperador Napoleão Bonaparte. A população, que espiava curiosa os duelos, e os contendores unem-se para combater as forças aristocráticas... Gaspar, fantasiado de Napoleão, comanda a batalha altaneiramente, do alto do belo corcel, distante a quilômetros... Dá ele, finalmente, o sinal de ensarilhar armas e começam as condecorações. A um heróico guerrilheiro que tem quatro filhos dá três medalhas, a outro que era coronel *promove* a capitão... Depois os dois pândegos, Gaspar e Batista, organizam um baile comemorativo no palácio dos Latour-Laffitte... As pequenas do orfanato são respeitosa-mente convidadas e caem na dança com os simpáticos oficiais de Napoleão. Mas a diretora aparece, descompõe Batista e acaba com a festa.

Desanimados, Gaspar e o companheiro pedem ao tio para lhes indicar um local onde se possam divertir juntamente com "nobres" iguais a eles... O endereço dado é o de uma casa de suicídios secretos... Prêso, sufocado, com o teto baixando como uma prensa a uma velocidade de avião a jato, estão os dois apavorados e quase à morte quando, milagrosamente, são salvos pelo abade Faria, aquêle do romance do Conde de Monte Cristo, que vaga no sub-solo à cata de uma saída, há mais de trezentos anos... O abade os leva aos esgotos de Paris. Varando chão os três vão dar a uma sala onde Luiz Napoleão III está posando para um pintor. O Imperador, julgando-os revolucionários chama a Polícia: os homens da lei e da ordem conseguem prender Gaspar, enquanto Batista foge. Gaspar é condenado à guilhotina e recebe a noticia filosoficamente. Tenta furar as paredes mas é obstado. Simultaneamente Batista descobre que é filho do carrasco de Paris, que muito se orgulha do filho... e da profissão e quer fazer tudo para que o rapaz siga o nobre ofício, começando por aprender desde já, guilhotinando o próximo condenado, que vem a ser o amigo Gaspar.

Chega o dia da estréia de Batista. Seu primeiro trabalho, como substituto legal do "velho" será enforcar Gaspar. Há uma série de complicações, Gaspar é guilhotinado mas quando a cabeça é separada do corpo ele acorda; conta a Batista o sonho e volta para a cama para continuar: deseja saber o que acontecerá, agora que foi guilhotinado. A assistência ao espetáculo do enforcamento é enorme: há uma pateada pela demora, enquanto mocinhas de short vendem sorvete e amendoim... No fim Gaspar acorda novamente, com a partida da diretora para as férias... E Gaspar filosofa: o dinheiro faz a guerra, esta o após-guerra e este o câmbio-negro, o qual refaz o dinheiro que refaz a guerra... Circulo vicioso...

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

DÊ BELEZA E VIGOR AOS SEUS CABELOS!



Com aplicações do TÔNICO CAPILAR "AMARALINA", tem-se sua cabeleira sedosa e bela. Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia, que é também uma gran-



de esperança para os calvos. De base vegetal, com a continuação do uso do Tônico "AMARALINA", com certeza absoluta, como em milhares de casos já registrados em todo o Brasil, seus cabelos tornarão a nascer. Com um vidro, detém a queda dos cabelos e elimina totalmente a caspa. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr\$ 35,00 o vidro. Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal. Preço: Cr\$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º ANDAR — SALA 616 — RIO DE JANEIRO.

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

Na casa do tenente de cavalaria Namurov, havia jogo.

Razão mais do que suficiente para que ninguém sentisse como era longa aquela noite de inverno. Só às cinco horas da madrugada, foi servida a ceia. A champanha corria aquecendo os ânimos e a conversa generalizou-se.

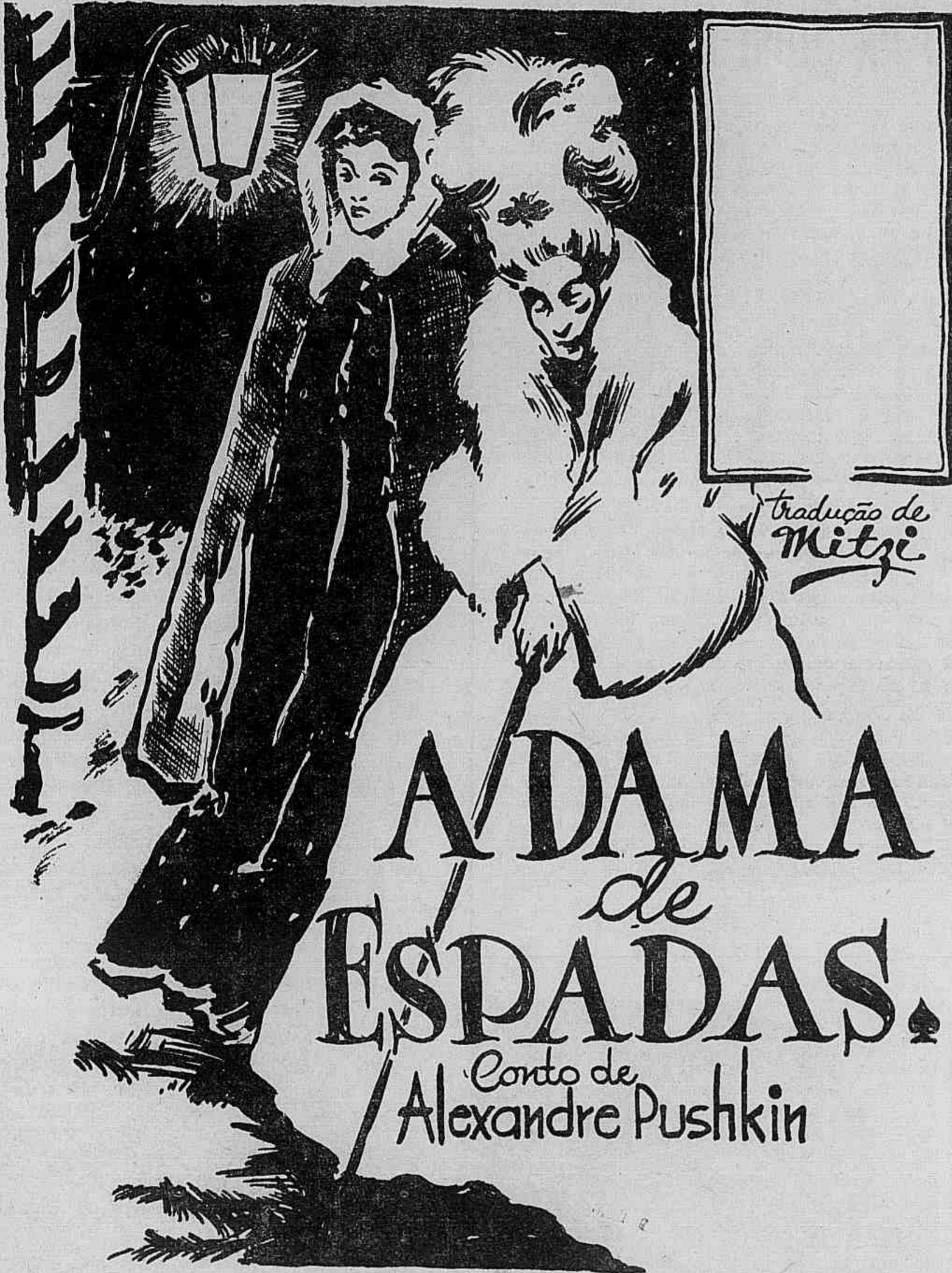
— Como se foi hoje, Surine? — perguntou o dono da casa a um dos rapazes.

— Como de costume, perdi. Não

Na internacionalmente clássica obra do genial autor russo é que a "Associated Pathé-British" calçou o filme do mesmo nome, que será apresentado ao público, ainda, no corrente ano. A CENA MUDA, antecipando-se à magnífica produção inglesa, oferece aos seus leitores, esta obra-prima da literatura mundial.

NO FILME

Dirigido por Anatole De Grunwald, as personagens são vividas por Ronald Howard, Mary Jerrold, Yvonne Mitchell, Anthony Dawson, Pauline Tennant, Miles Malleson, Athene Seyler, Michael Medwin, Maroussia Dimitrevitch, Ivor Barnard e Violetta Elvin.



tenho sorte, confesso. Bem sabe como sou calmo. Gosto de jogar "la mirandole" e me conservo sereno, sem mudar de jogo, e sempre perdendo!

— Será possível que, durante toda a noite, não tenha arriscado a vermelha, uma única vez? Que constância!

— Que me dizem de Hermann? — perguntou um dos presentes, designando um jovem oficial de engenharia. Jamais vi esse rapaz se meter num "paroli" ou tocar

num baralho. E no entanto fica conosco até às cinco da manhã!

— Sinto singular atração pelo jogo — respondeu Hermann — mas quero arriscar o necessário para ganhar o supérfluo.

— Hermann é alemão, e como tal, muito seguro. Eis tudo! — explicou Tomsqui. — Espantoso, porém, foi o que aconteceu com minha avó, a condessa Ana Fedorovna.

— O que foi? — interrogaram os companheiros.

— Já repararam que ela nunca joga? — perguntou Tomsqui.

— Realmente — tornou Namurov — uma criatura de oitenta anos que não joga, constitui, sem dúvida, um fato extraordinário.

— E querem saber por quê?

— Existe alguma razão especial?

— Há, sim! Ouçam: Em Paris, há uns sessenta anos atrás minha avó causou sensação. Ela era considerada a "Vênus Moscovita". Até Richelieu andou cortejando a con-

dessa. Naquele tempo as mulheres jogavam à banca. Certa noite na corte ela perdeu grande quantia para o duque de Orleans e ficou de pagá-la depois. Quando voltou para casa e contou ao marido o que lhe aconteceu, esse se negou a saldar sua dívida. No dia seguinte nova insistência e nova recusa. Minha avó já não sabia o que fazer. A sorte dela é que conhecera um homem, o conde de Saint-Germain, célebre em sua época, e que, se dizia ter o segredo do elixir da longa vida e a pedra filosofal. Casanova mesmo, em suas "Memórias", afirma que era um espião. Embora a verdade é que se tratava de um autêntico fidalgo. Até hoje minha avó o aprecia muito. Não se sabe porque a condessa acreditava que ele podia emprestar-lhe a quantia necessária e, assim, escreveu-lhe um bilhete e foi procurá-lo.

— Minha cara condessa — disse-lhe Saint-Germain — não me seria difícil emprestar-lhe o dinheiro, mas sei que não ficaria calma enquanto não o pagasse. Há, entretanto, um meio de saldar sua dívida...

— Mas, meu amigo — atalhou minha avó — não tenho vintém...

— Não é necessário. Ouça-me! E ele ensinou-lhe um segredo que, estou certo, todos daríamos a vida para saber.

Todos os jovens oficiais ali reunidos prestavam grande atenção à narrativa. Tomsqui fez uma pausa, acendeu o longo cigarro, soltou uma bafurada e continuou:

— Naquela mesma noite, minha avó foi à Versalhes, ao jogo da rainha, onde o Duque de Orleans presidia a banca. Tomou três cartas. Ganhou com a primeira, dobrou a parada para a segunda e pôs tudo na terceira. E o certo é que saldou toda sua dívida com rara facilidade.

— Mas foi, apenas, um acaso — exclamou um dos presentes.

— Sim, senhor. Que história! — comentou Hermann.

— Cartas arranjadas? — indagou um outro.

— Não acredito — voltou muito sério Tomsqui.

— Você tem avó — comentou Namurov — que sabe quais são as cartas que ganham e até agora ainda não obteve dela o segredo?

— Bem, realmente, isso é o mais difícil! — replicou Tomsqui. — Vovó tinha quatro filhos e nenhum deles o conseguiu. Porém, o conde Ivan Llitch, meu tio, me contou uma história a esse respeito. Disse que Tchaplitzqui, quando moço, aquele que morreu na miséria depois de gastar milhões, perdeu cerca de trezentos mil rublos e ficou devendo a Zoritch. Não se sabe porque para ele minha avó fez uma exceção. Zoritch não só desforrou-se como ainda saiu ganhando bastante... Mas, já são seis horas! Precisamos descansar.

Esvaziaram-se os copos e o grupo se separou

(Continua no próximo número)

Rádido

De A. C.

NOTÍCIAS

MICROFONE ABERTO

O SENTIDO RADIOFÔNICO DA OBRA DE BALZAC

Na obra literária de escritores famosos vamos encontrar, bem evidenciado, um certo sentido radiofônico, fator que não deixa de ser interessante sob vários aspectos. O gigante do pensamento, Eça de queiroz, possui romances altamente radiofônicos como a "Ilustre Casa de Ramires" e o "Crime do Padre Amaro". O próprio poema épico "Os Lusíadas" tem passagens bem de microfone. Entretanto, parece-me que nenhum escreveu tanto, inconscientemente, para o rádio como Honoré de Balzac. Esse fato encontra-se primeiramente em "La Maison du Chatpapelote", escrito em 1830. A sua luta pela vida marcou-lhe extraordinariamente a personalidade, vindo mais tarde a fazer uma semi-biografia em "A Comédia Humana". Dêle dizia George Sand: "Escreve desesperado em uma contínua erupção imaginativa" (tal como os novelistas).

Dentro da sua rudeza se observava uma chama intensa. Balzac tinha um sentido cortante da vida, uma percepção de tudo o que se pode ver e tocar, um interesse voraz pela realidade, uma paixão profunda por todas as coisas, uma inesgotável curiosidade pelo mecanismo social, um sentimento, eufórico ou cinico, da batalha da existência, da luta pela riqueza e o poder, em que o débil é eliminado, o vencido é pisado; da luta com sua grandeza e sua pequenez, com seus atos obscuros de heroísmo e a crueldade de suas facetas patéticas. Dentro de suas qualidades Balzac sempre escreveu numa forma simples numa seqüência de fatos engendrados quase que para o microfone.

A capa superior de refinamento aristocrata, a graça e a delicadeza naturais das almas virginais, escaparam à observação de Balzac, a quem, aparentemente, foi difícil imaginar uma dama ou compreender o mistério da mentalidade de uma donzela. O mundo burguês que ele detestava foi sua esfera especial. Analisou seus diversos elementos em seu próprio meio ambiente; uma rua, uma casa, eram para ele o mesmo que um ser humano, porque nelas via parte da envoltura do ser humano, a adaptação de seus costumes e do seu temperamento. Ao mundo da literatura Balzac incorporou duas mil personagens de sua imaginação quase todas elas de marcação e estilo radiofônicas.

A moralidade das figuras proeminentes de suas personagens gira em torno de uma paixão; ambição de dinheiro, desejo de distinguir-se, sede de poder. O indivíduo existe em grupo; a energia circula dos objetos inanimados aos atores do conto; a ocasião é cúmplice da ação; o poder corre de um membro para outro do grupo; finalmente, os grupos entram em correspondência, ou em conflito. Esses fatores voltamos a observar de uma maneira mais marcante em "Um episódio de Terror", o que nos faz pensar na antecipação que Balzac tinha do rádio tal a excelência com que a maioria dos contos do grande escritor se prestam para a rádio-teatralização, onde por cima de tudo isso se ouve a multidão de Paris.

Elano de Paula é o novo diretor de Broadcasting da Guanabara, onde há já algum tempo vem prestando a sua colaboração.

★

A Mayrink Veiga está agora transmitindo até as duas horas da madrugada.

★

O programa "Onde está D. Judith?", escrito por Haroldo Barbosa, passou a ser feito por Antônio Maria devido a que o primeiro está em férias.

★

"Clube do Samba" é um programa carnavalesco escrito por Fernando José que a Rádio Guanabara irradia.

★

Alfredo de Almeida, responsável pelo setor de teatro-cego da Rádio Guanabara, vai lançar no corrente mês, através da onda da "mais popular", uma série rádio-teatral, que focalizará os trabalhos salientes dos grandes detectives. Nesse interessante broadcast, desfilarão em aventuras emocionantes, os episódios de Arsene Lupin, Nick Carter, Charlie Chan, Agata Christie, Sherlock Holmes e de outros ases do detectivismo. A estréia será feita com "O Mistério da Ponte de Thor" e terá o desempenho do seguinte cast da PRC-8 — Ceci Medina, Hercília Araújo, Adriana Santos, Nádia Maria, Fernanda Montenegro, Batista Rodrigues, Augusta Araújo, Antônio Carlos, Francisco Anísio, Elano Paula, Afonso Soares, Jane Gypsy e Carlos Couto.

★

A PRC-8 entrou em negociações com o grande ator Palmeirim Silva, que talvez ingresse no seu cast de rádio-teatro, onde irá trabalhar ao lado de sua esposa, a atriz Ceci Medina.

★

A Rádio Guanabara vem de lançar o programa "Revelações", que tem por finalidade descobrir e projetar novos valores no cenário do sem-fio brasileiro.

Os candidatos inscritos e aprovados em "Revelações", recebem por intermédio do locutor, as críticas e observações do diretor do programa. "Revelações", que é dirigido pelo musicista Altino Pimenta, vai ao ar todas as quartas e sextas-feiras, de 13 às 13,30 horas.

★

Zé Bacurau está em negociações para irradiar seu "Bonde da Folia", diretamente da PRC-8.

★

Acaba de estreiar um novo novelista na Rádio Globo. Trata-se de Melo Lima, que escreveu a novela "A Porta Estreita".



ESTELITA BELL
Renovação de valores

RAUL BRUNINI
Um bom locutor

NOTÍCIAS GRÁFICAS

O CRIME RADIOFONIZADO



O conhecido ator do cinema inglês Michael Redgrave, que vimos ultimamente em "Conflito de Paixões", tem-se apresentado com sucesso ao microfone da BBC de Londres, interpretando papéis cômicos e dramáticos



Nos espetáculos de televisão de Alexandre Palace, constituiu um raro programa de arte a exibição dos famosos bailarinos Massine (que vimos em "Sapatinhos Vermelhos") e Fontaine

Quanto mais aumentam os meios de divulgação, mais exposto o público vai ficando ao incitamento às baixas paixões, cuja erradicação deveria ser um objetivo do progresso. Revistas e jornais pouco escrupulosos surpreendem, cada dia, com o requinte na arte de informar sobre crimes e na propagação de histórias onde o crime e a luxúria se encontram servidos fartamente. Para cercar ainda mais a opinião desprevenida, no rádio as narrativas de acontecimentos tenebrosos põem em permanente excitação nervosa a certas donas de casa, cuja preferência pelas chamadas novelas não deixa de corresponder a um certo gosto mórbido, que não deveria ser estimulado. Parece, entretanto, que não são mais suficientes as concepções da ficção e se torna preciso apresentar algo mais estimulante, extraído ao vivo, com as cores reais do cotidiano. É o que entendeu uma emissora carioca, que está anunciando agora a radiofonização do crime mais sensacional de cada semana. Se fôr avante o macabro empreendimento, as famílias brasileiras terão o crime sincronizado em sua própria casa, trazido pelo rádio, mas com todos os relevos indispensáveis.

Eis, assim, que o uso arbitrário de uma concessão para instruir, divertir e informar o povo se converte em arma poderosa contra a moral e os costumes. Insignificantes indivíduos passarão à categoria de heróis, nessas transmissões de que a natureza humana se deveria envergonhar. É fácil presumir o aumento da periculosidade da criminalidade em geral, ao lado do sofrimento que atingirá pessoas inocentes, envolvidas nos acontecimentos porventura tratados.

Contra semelhante inovação se devem erguer as camadas mais esclarecidas do Brasil, já que determinada classe de ouvintes, na disponibilidade mental em que vive, não saberá compreender, de logo, o alcance nefasto do pretendido programa. E as autoridades, que exercem sobre o rádio uma censura política odiosa e anti-democrática, devem usar para o bem um pouco da força arbitrária de que dispõem de fato para impedir esse prejuízo à moral coletiva.

Se assim não acontecer, resta aos órgãos orientadores da opinião pública desenvolver uma campanha saneadora, apontando os responsáveis ou irresponsáveis que, para conquistar clientela, não hesitam em sacrificar os sentimentos da família brasileira, excitando nos seus componentes os instintos de que se pretende servir, com o crime radiofonizado.

Transcrito do "Diário de Notícias", de 17-1)

ENVIEM SEUS PARABENS

(aniversariam este mês)

Raul Brunini (Globo)	Fevereiro	2	1919	31	anos
Badu (Tupi-Tamoio)	Fevereiro	2	1917	33	"
Alba Regina (Tupi)	Fevereiro	2	1928	21	"
Rodolfo Mayer (Tamoio)	Fevereiro	4	1910	40	"
Renato Murce (Nacional)	Fevereiro	7	1900	50	"
Olavo de Barros (Tupi)	Fevereiro	8	1894	56	"
Florian Faissal (Nacional)	Fevereiro	20	1907	43	"
Júlio Louzada (Tamoio)	Fevereiro	21	1916	34	"
Jorge Curi (Nacional)	Fevereiro	25	1920	30	"
Isaurinha Garcia (Record)	Fevereiro	26	1919	31	"



DORIVAL CAYMMI
O Poeta da Bahia



ALDA VERONA
Do elenco da Nacional

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua cor natural. Para completar a sua beleza e personalidade use estes produtos da

Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso



A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogas ou pelo Corriô

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35 00

Melodias para Você

Música Americana

THE VERY THOUGHT OF YOU

De Ray Noble

The very thought of you,
And I forget to do
The little ordinary things,
That ev'ryone ought to do,
I'm living in a kind of day-dream,
I'm happy as a king;
And foolish tho' it may seem
To me that's everything.
The mere idea of you,
The longing here for you;
You'll never know how slow the moments go,
'Till I'm near to you.
I see your face in ev'ry flower,
Your eyes in stars above;
It's just the thought of you,
The very thought of you, my love.

★

JUST ONE OF THOSE THINGS

De Cole Porter

It was just one of those things,
Just one of those crazy things.
One of those bells that now and the rings,
Just one of those things.
If we'd thought a bit of the end of it,
When we started painting the town,
We'd have been aware that our love affair
Was too hot not to cool down.

So good-bye dear, and amen,
Here's hoping we meet now and then.
It was great fun but it was
Just one of those things.

★

Música Latino-Americana

UNA CARTA

Tango

Letra e música de Miguel E. Bucino. — Alfredo de Angelis e sua Orquestra Típica

Recitado:

Horó el malevo esa noche sobre el piso de [cemento],
y un gesto impotente y fiero en su cara se pintó.
Tomó la pluma con rabia, mientras ahogaba un [lamento],
ya sua madre inolvidable esta carta le escribió:

Vieja:
Una duda cruel me aqueja
y es más fuerte que esta reja
que me sirve de prisión.
No es que me amargue
lo fulero de mi encierro,
ni el estar mismo que un perro
arrumbao en un rincón.
Quiero que me diga con franqueza
se es verdad que de mi pieza
se hizo dueño otro varón.

Diga madre, se es cierto que la infame
abusando de mi cana me há engañdo,
y se es cierto que al pebete lo han dejao
en la casa de los pibes sin hogar...
Se así fuera, malhaya con la perra!
algún dia he de salir, y entonces, vieja,
!se lo juro por la cruz que hice en la reja
que esa deuda con mi daga he de cobrar!...
(Bis)

Vieja:
Vos que nunca me mentiste,
vos que todo me lo diste,
no me tengas compasión;
que aunque me duela,
la verdad quiero saberla...
!No es el miedo de perderla
ni es el miedo a la traición!...
Pero
cuando pienso en el pebete
siento que se me hace un siete
donde tengo el corazón...

★

GRACIAS A DIOS

(Bolero)

Autor: Donato Román Heilmann. — Arturo Gatica com Orquestra

Gracias a Dios
que yo tengo a mi negra,
gracias a Dios,
!Pero gracias a Dios!

Pobre seré
pero hay quien me quiera,
pobre seré
!Pero gracias a Dios!

Cuando en la vida se tiene
un cariño tan grande
no hay que llorar la pobreza
y dar gracias a Dios...
Es la verdad, lo juro yo...

Pobre seré
pero tengo a mi negra,
gracias a Dios
!Pero gracias a Dios!

★

UNA LAGRIMA TUYA

(Tango)

Letra e música de Marianito Mores // Homero Manzi
José Basso y su Orquestra Típica

Una lagrima tuya
me moja el alma,
mientras rueda la luna
por la montaña.

Yo no sé se has llorado
sobre un pañuelo,
nombrándome,
con desconsuelo.

La voz triste y sentida
de tu canción,
desde otra vida
me dice adiós.

La voz de tu canción
que en el temblor de las campanas
me hace evocar el cielo azul
de tus montañas llenas de sol.

Una lagrima tuya
me moja el alma,
mientras gimen las cuerdas
de mi guitarra.
Ya no cantan mis labios
junto a tu pelo
diciéndote,
diciéndote,
lo que te quero.

Coda:

Tal vez con este canto
puedas saber
que de tu llanto
no me olvidé,
no me olvidé.



MARTHA TILTON
"Enloureceu"



FRANKIE LAINE
Big sucesso com "Mule Trajn"



DORIS DAY
Primetríssima

Jazz

SYLVIO TULIO CARDOSO

A HISTÓRIA SE REPETE...

"Saxo tenor", o cronista portenho, nos diz em sua última coluna em "Sintonia", da verdadeira situação do jazz na Argentina. Enquanto em todos os outros países do mundo o jazz vem ganhando novos adeptos, novas associações jazzísticas são fundadas, novas publicações do gênero aparecem na Europa, América e Austrália, enquanto os Fan-Clubs se multiplicam no Brasil, Perón decreta a sentença de morte ao jazz na Argentina. Não foi outra senão o peronismo desenfreado a causa do decréscimo e quase total desaparecimento da cultura jazzística na outrora maior metrópole de "le hot" no continente sul-americano. Buenos Aires que vivia noites inesquecíveis no "Embassy" e no "Odeon Bar", com Vilhegas, Varela, Panchito-Cão, Santander e outros grandes expoentes do jazz latino-americano, está hoje silenciosa, lúgubre. No lugar da bateria, lá estão os violoncelos, o piston de Vanni foi substituído por um bandoneon arcáico, no frenético piano de Vilhegas senta-se agora um tanguista rotundo, de olhar meloso e significativos movimentos de cabeça. "O jazz é produto dos americanos imperialistas, música sem essência que não condiz absolutamente com o espírito musical do povo argentino", deve ter sido o clichê que ajudou a banir o jazz em Buenos Aires. As orquestras nos balles, boites ou estações de rádio são obrigadas agora a executarem 60 ou 80 por cento de "música nacional". Sim, porque o jazz "é aquela música barulhenta e desconexa dos pretos americanos". Oh! ímpios! Será que eles não sabem então que desde há muito tempo o jazz deixou de ser exclusivamente dos "pretos americanos" para ser a linguagem oficial da juventude musical das democracias em todo o mundo? Será que eles não sabem que o jazz é um dos grandes fatores de aproximação dos povos — sim dos povos livres, cujo pensamento musical não está acorrentado a nacionalismos exaltados?... É um absurdo, mas é verdade. O jazz na Argentina está condenado a viver somente entre as quatro paredes de uma velha e boa discoteca. Não é permitido tocar jazz em público? Muito bem. Enquanto não fôr proibido ouvi-lo em discos nas propriedades particulares, o núcleo de entusiastas portenhos — que ainda é um dos primeiros — não o deixará morrer. Continuará cultivando-o com o mesmo ardor, com a mesma chama de outrora. As reuniões públicas serão agora privadas, as jam sessions em salas à prova de som, as palestras e conferências em apartamentos destinados a pif-paf. Mas o movimento jazzístico não morrerá. Continuará, embora subterrâneo, embora semi-proibido. E continuará até que a liberdade de expressão — que é um dos fundamentos do jazz, como sabemos — seja respeitada na gloriosa pátria de San Martín. Sim, porque Perón não vai ficar para semente...

DISCS DISCUSSION

GEORGE SHEARING — "Bop, Look and Listen", "September in the rain".

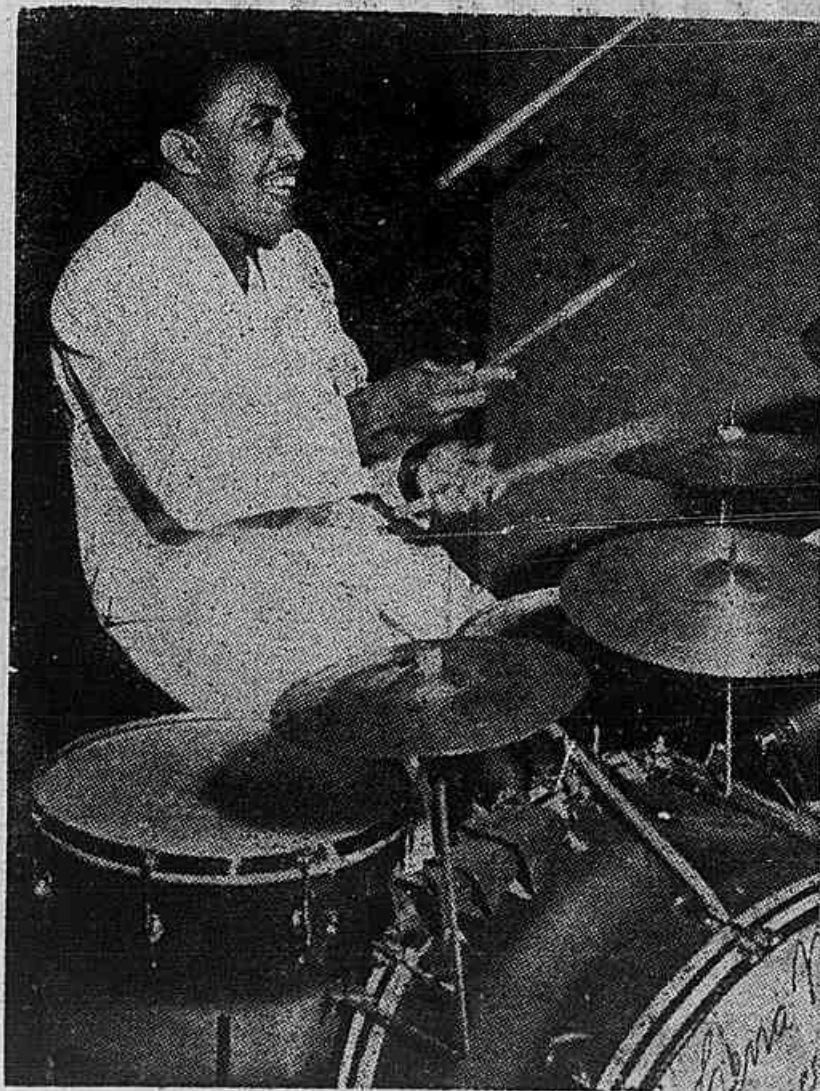
O sucesso atual de George Shearing nos Estados Unidos é mais do que merecido. Além de ser um pianista de técnica brilhante, Shearing é, realmente, um músico criador. Shearing tornou-se em seus três anos de USA um dos melhores instrumentalistas da "bop school". Seu estilo — fundamentalmente bop — é ao mesmo tempo a Shearing pre-bop: simples, calmo, inalterado, absolutamente dominador dum "jeau" próprio. Shearing injeta sabiamente bop nas passagens de maior beleza melódica de "September". Suas escalas de semi-colcheias nesta versão modernizada de uma de minhas "jazz tunes" favoritas que é "September in the Rain", estão executadas com uma leveza, uma articulação que só mesmo Shearing seria capaz de projetar. "Bop, Look and Listen" é levado em tempo lento, bem marcado pelo suporte de Margie Hayms, John Levy, Chuck Wayne e Denzil Best e a serenidade e o "relaxamento" com que Shearing o executa é suficiente para classificá-lo como um dos pianistas de mais alta classe aparecidos nestes últimos anos. Ouçam — por exemplo — aquelas impressio-

nantes passagens de acorde no final de "September". São qualquer coisa de exclusivo que precisa ser ouvido para ser acreditado... — (MGM235).

★

BENNY GOODMAN — "Shiskabop", "Benny's Boogie".

A orquestra toca bop mas Benny, não. Fica qualquer coisa de sumamente desagradável se escutar o arranjo bebop que Chico O'Farrel escreveu para BG o ano passado, um arranjo essencialmente bop, ser executado com a maior das boas vontades e — de repente — aparecer o clarinete de Benny executando tudo menos bop. O velho Benjamin parece que ainda não atinou bem com a coisa. Ele pensa que tocar bebop é só introduzir qualquer nota da escala em qualquer acorde, pretextando que foi apenas uma nota de passagem executada no ritmo... O negócio é bem outro, Pops. O reverso não é nada. Nem boogie nem Benny. O novo quarteto de "El Rey" está de uma debilidade confrangedora. A execução desse boogie prescinde do mais elementar espírito do estilo. (Capitol CL 1848).

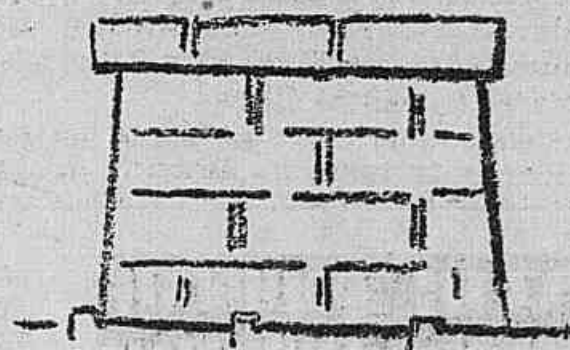


SUT
O Jo Jones carloca

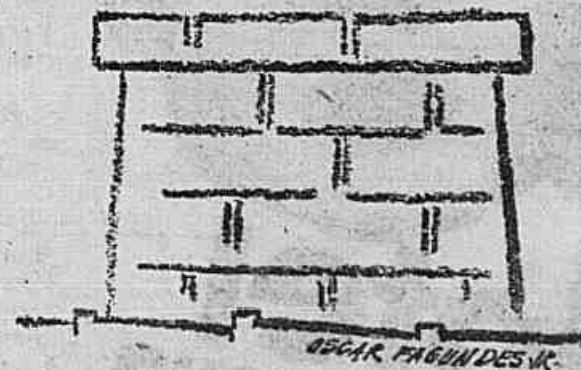


HARRY JAMES
Está outra vez em ponto de bala

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho
Antisséptico
GRANADO



A GUERRA DE ROSSELLINI

(Cont. da pág. 14)

cia do espectador com a particularidade da experiência real. Como os cadáveres secos e empilhados de Buchenwald ou a figura apalçada de Mussolini pendurada pelos tornozelos, essas imagens têm uma autonomia que as torna mais fortes e mais importantes que quaisquer idéias que possamos associar a elas". Comentando o estilo de Rossellini, que tem encontrado críticos severos entre os puristas mais dogmáticos, Warshaw acrescenta: "... a cena move-se tão rapidamente que a ação está sempre um momento além da compreensão do espectador. E a própria câmera fica neutra, esperando passivamente que a ação se aproxime dela e simplesmente registrando tanto quanto possível, sem ter a oportunidade de variar o ritmo ou de selecionar ativamente os detalhes que poderiam ser usados para interpretar a cena; visualmente, a cena permanece no mesmo nível de intensidade de princípio a fim, exceto pelo aumento de tamanho e claridade dos objetos quando se vão aproximando da câmera — e isso tem o efeito de uma variação natural, ao invés de uma variação interpretativa. A velocidade da ação combinada com a neutralidade da câmera tende a excluir a possibilidade de reflexão e, assim, a divorciar os acontecimentos de todas as questões de opinião. As distinções políticas e morais entre os guerrilheiros e seus captivos não aparecem (mesmo a distinção visual nunca é muito forte), e o espectador não tem a oportunidade de concordar com a matança. Dêsse modo, a cena extrai a sua força precisamente do fato de que não repousa em idéias: os acontecimentos parecem desenvolver-se de acordo com as suas próprias leis e não prestam atenção ao que se poderia — ou se deveria — sentir a respeito deles." — A. V.

O ANO CINEMATOGRAFICO

(Cont. da pág. 7)

colorida de "Bola de Fogo", uma comédia dirigida por ele próprio e, com sucesso, alguns anos atrás. E, já que falamos em fracasso, vale a pena registrar o de John Ford em "O Céu Mandou Alguém", onde o Ford místico avassalou o revolucionário de "Vinhas da Ira" e o grande cineasta de tantos filmes.

No cinema americano, devemos destacar ainda os nomes de Vincente Minelli, Joseph Man-

kiewicz, Fred Zinnemann, Howard Hughes, Orson Welles e John Huston. Minelli dirigiu os dois melhores musicais do ano, "O Pirata" e "Ziegfeld Follies", dando-nos também uma versão lindamente falsificada de "Madame Bovary". Joseph Mankiewicz compareceu com uma comédia divertidíssima em "Quem é o Infiel?". Zinnemann foi prejudicado por seus cenaristas tanto em "Perdidos na Tormenta" como em "Ato de Violência", mas ainda conseguiu brilhar. Howard Hughes deu-nos um "Yestern" descosido e hiper-sexuado em "O

Proscrito", que nos pareceu ser recebido com exagerada boa vontade pela crítica brasileira. Orson Welles adaptou Shakespeare a seu temperamento, com grande êxito, em "Macbeth". E John Huston firmou-se como um dos melhores diretores americanos em "O Tesouro de Sierra Madre" e "Paixões em Fúria".

Voltando ao cinema francês, depois de dez anos, René Clair continuou a dar lições de cinema em "Silêncio de Ouro", Marcel Carné foi novamente saudado como um grande cineasta devido a dois filmes feitos durante a guerra: "O Boulevard do Crime" e "Os Visitantes da Noite". E Jean Cocteau nos apresentou uma fábula magnificamente vestida por Christian Bérard em "A Bela e a Fera".

No cinema inglês, Laurence Olivier destacou-se com a sua versão bem cuidada de "Hamlet". Cavalcanti valorizou um cenário positivamente incrível em "Nas Garras da Fatalidade". David Lean dirigiu bem "A História de uma Mulher", e Thorold Dickson fez o que pôde com "Atavismo" — talvez o tema mais original do ano, mas também um dos cenários mais superficiais.

(Cont. na pág. 23)

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên-	Extra-	Lo-
	cias	tos	ções
	10 gr.	50 gr.	1/2
	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
O. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretz — Super ..	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00	45,00	55,00
Flor Maça LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembólso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÓLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67
Sob. — RIO DE JANEIRO

PATHE PRESIDENTE
ALVORADA FLUMINENSE
PARA TODOS ALFA
HOJE
2-4 6-8-10 HS.

SIMONE SIGNORET
A GRANDE INTERPRETE DE
"ESCRAVAS DO AMOR"

NUMA OBRA
ASPERA, CRUEL!

Hotel CLANDESTINO
"Macadam"

com **FRANÇOISE ROSAY**
PAUL MEURISSE
ANDRÉE CLEMENT

DIREÇÃO: **MARCEL BLISTENE**
DIREÇÃO ARTÍSTICA: **JACQUES FEYDER**

COMPS. NACIONAIS

Proibido até 18 anos

TELAS DA CIDADE

(Cont. da pág. 10)

Jr. Direção artística de Bernard Herzbrun e Robert F. Boyle. Decorações de Russell A. Gausman e John Austin. Partitura musical de Daniele Amphitheatrof. Orquestrações de David Tamkin. Coordenação de Ralph Dawson. Lançado no Rio de Janeiro em janeiro de 1950. ★ Elenco: Fredric March, Florence Eldridge, Edmond O'Brien, Geraldine Brooks, Stanley Ridges, John McIntire, Frederic Tozère, Will Wright, Virginia Brissac, Francis McDonald, Mary Ser-voss, Don Beddoe, Clarence Muse.

Há tempos que muitos críticos estão de olho em Michael Gordon. Desde o seu primeiro filme, esse diretor vem prometendo fazer algo de bom — e seu talento tem-se revelado, apesar dos cenários atravancados que lhe têm sido dados. Assim foi em "No Caminho da Vida" (Another Part of the Forest), em que Gordon lutou por cinematizar um cenário por demais respeitoso com o original teatral de Lillian Helman. Assim é, agora, em "Piedade Homicida", onde o tema ousado deve ter sido em grande parte prejudicado pelas estreituras dos censores de Hollywood. Até o desfecho, o filme parece defender a eutanásia, enquanto um sub-tema advoga a humanização da justiça. No final, porém, o sub-tema substitui o assunto principal, e a eutanásia é severamente atacada: "Só Deus e a Sociedade têm o direito de tirar a vida".

Mas, apesar de suas hesitações temáticas, "Piedade Homicida" é um filme interessante. Fredric March e Florence Eldridge têm grandes desempenhos nos papéis principais, e a direção de Michael Gordon é mais sentida do que em qualquer outro de seus filmes. Pena é que ele tenha sido obrigado a usar aquela cena "ilustrativa", quando um policial dá o tiro de misericórdia num cachorro atropelado. Em compensação, há muitas cenas boas de direção, destacando-se todas em que Gordon sublinha o sofrimento de Miss Eldridge.

Em suma, "Piedade Homicida" é um filme que, excepcionalmente, pode ser recomendado às platéias inteligentes.

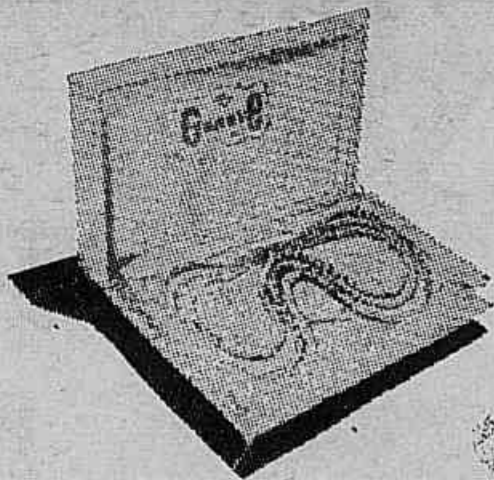
Mitigal



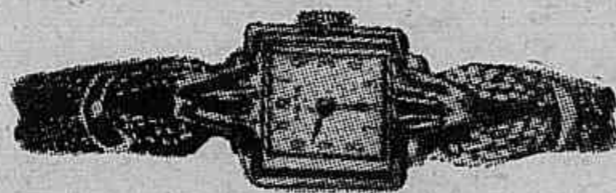
Acaba com
as
coceiras

GENEVE JOIAS

OFERECE PELO REEMBOLSO POSTAL ★ PARA TODO O BRASIL ★ SEM DESPESAS DE PORTE PARA O COMPRADOR



Colares de pérolas de fabricação francesa, com lindos fechos cravejados de pedras, última moda. Uma volta, Cr\$ 50,00; 2 voltas, Cr\$ 95,00; 3 voltas, Cr\$ 140,00. Cada colar é acompanhado de um bellissimo estojo forrado de seda.



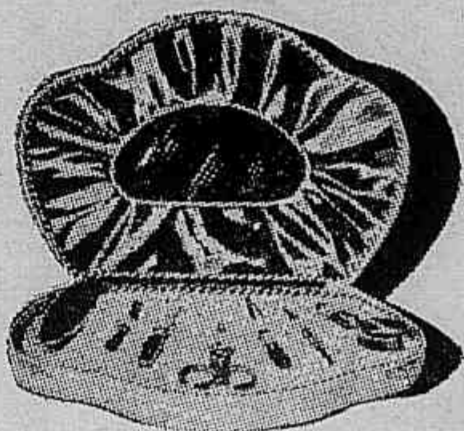
NÚMERO 2/180/10
Relógio cromado para senhora, suíço, com rubis, fundo de aço inoxidável, cordonet de seda, vidro côncavo, modelo de luxo. Preço Cr\$ 295,00



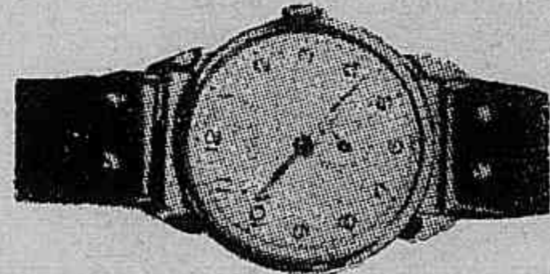
NÚMERO 63/500
Relógio suíço p/senhora, FISO, âncora 15 rubis, folheado a ouro, fundo de aço inoxidável, vidro côncavo, cordonet de seda, anti-magnético de rara beleza. Preço Cr\$ 340,00



NÚMERO 934/25
Talheres próprios para criança em lindo estojo de madeira colorida, com motivos infantis, contendo uma faca, um garfo e uma colher de alpaca prateada. Um presente de utilidade. Preço Cr\$ 78,00



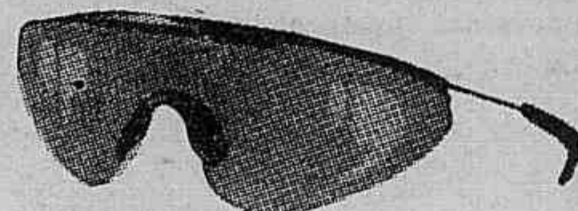
NÚMERO 34/210
Estojo para unhas, com espelho forrado de veludo e seda, maravilhoso conjunto de 8 peças, de metal cromado. Inclusive duas tesouras para unhas e cutículas. Preço: Cr\$ 330,00



NÚMERO 85/290
Relógio suíço de pulso para homem, Sorna, 15 rubis, cromado, fundo de aço inoxidável, anti-magnético, ótima qualidade. Preço Cr\$ 275,00



NÚMERO 160/160
Relógio suíço, de precisão, de pulso, para homem, marca Cimier, mostrador cronométrico, luminoso, com ponteiro central de segundo. Preço Cr\$ 110,00



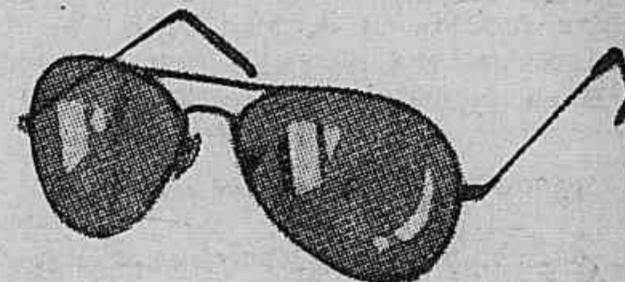
NÚMERO 625/50
Óculos para sol, tipo "Polaroid", folheados a ouro. Vidros verdes, inquebráveis. Com estojo de couro. Preço: Cr\$ 110,00



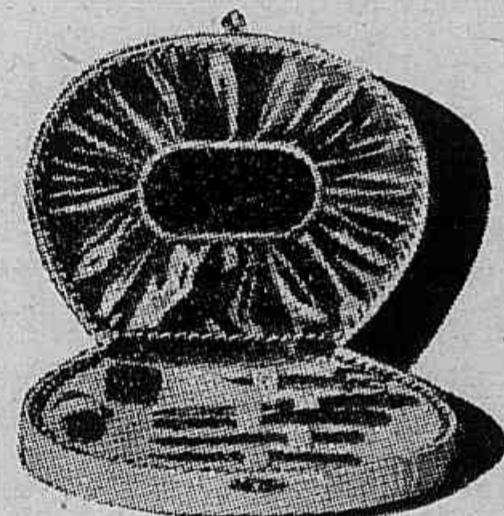
NÚMERO 236/30
Pulseira elástica para homem, chapeada a ouro e cromada, fundo de aço inoxidável, marca "North". Preço: Chapeada a ouro Cr\$ 120,00 Cromada Cr\$ 100,00

Cromada, com fundo de aço inoxidável. Preço Cr\$ 95,00

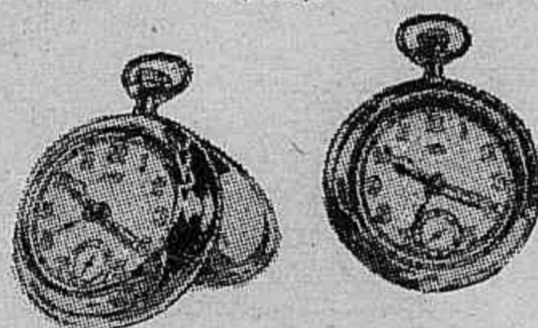
NÚMERO 200/65
Pulseira elástica para homem, chapeada a ouro, fundo de aço inoxidável. Preço: Cr\$ 110,00



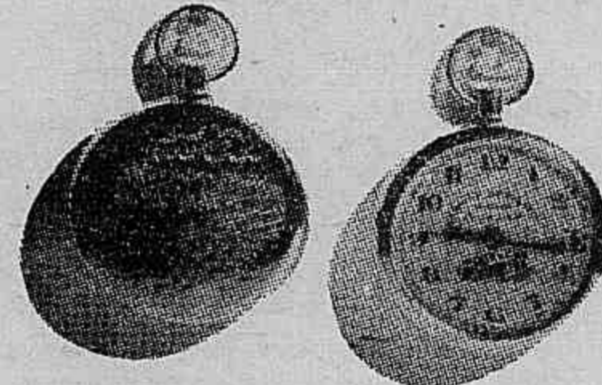
NÚMERO 656/25
Óculos para sol, tipo Ray-ban, folheado a ouro, vidros verdes. Preço: Cr\$ 65,00



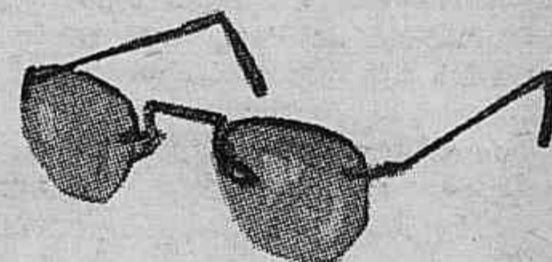
NÚMERO 32/190
Estojo para unhas, forrado de seda, com espelho, 8 peças, de cabo de galalite. Inclusive tesoura. De finíssimo acabamento. Preço: Cr\$ 160,00



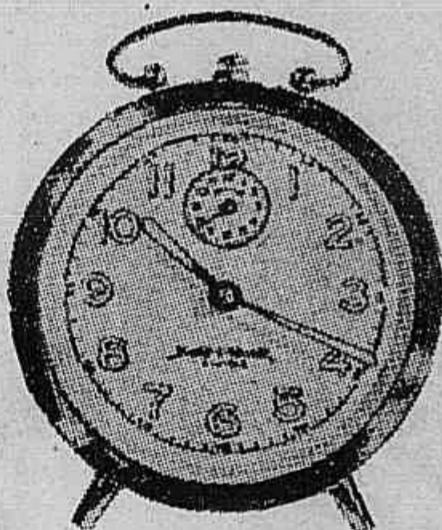
NÚMERO 301/5 — Relógio despertador de bolso, suíço, marca ACORDA, com 4 rubis, cromado, mostrador luminoso. Este relógio, além de possuir um dispositivo para despertar, possui também todas as características dos mais modernos relógios de bolso. Abrindo-se a tampa pode ser usado como relógio de cabeceira. Preço: Cr\$ 200,00



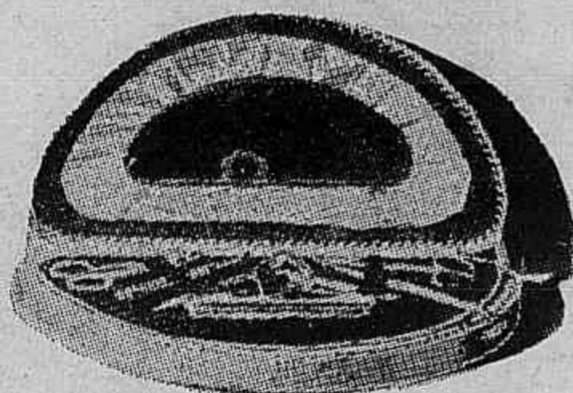
NÚMERO 235/18
Relógio suíço de bolso, cromado, com gravura Estrada de Ferro. Preço: Cr\$ 118,00



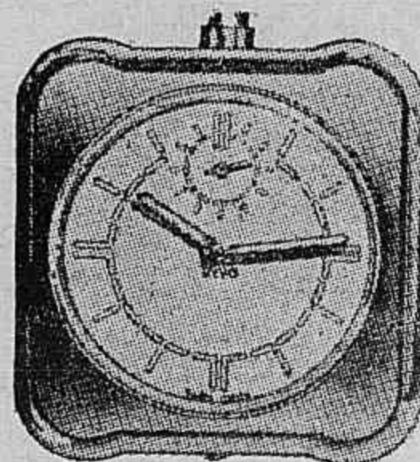
NÚMERO 676/25
Óculos para sol, sem aro. Vidros verdes, hastes folheadas a ouro. Preço: Cr\$ 90,00



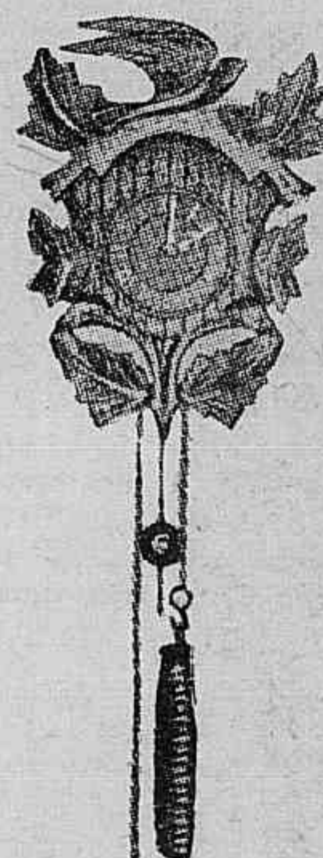
NÚMERO 1230
Despertador suíço com mostrador luminoso, marca SWITO. Preço: Cr\$ 110,00



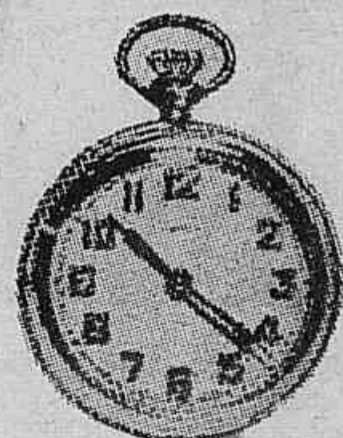
NÚMERO 33/200
Estojo para unhas, forrado de seda, com espelho, 8 peças de galalite. Inclusive tesoura. De finíssimo acabamento. Preço: Cr\$ 190,00



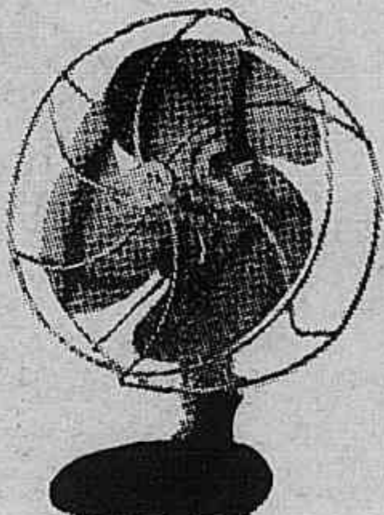
NÚMERO 16/214
Despertador suíço da afamada marca RIVO, em quatro belíssimas cores: azul, rosa, dourado e verde, com o mostrador luminoso. Última palavra em técnica e beleza. Preço: Cr\$ 200,00



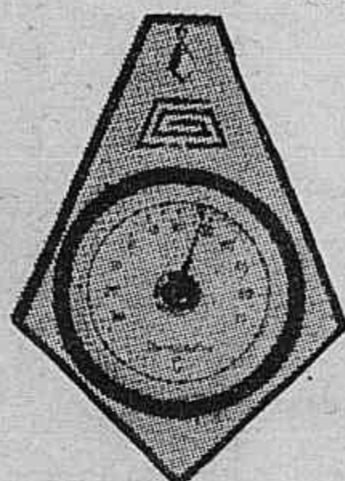
NÚMERO 3.200/12
Máquina fotográfica, marca América Box, dois visores, tirando fotografias de 6x9. Pose ou instantâneo. Filtro para paisagem, embutido automático. Filme 120. Preço: Cr\$ 190,00



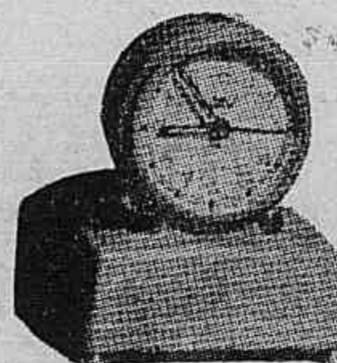
NÚMERO 260/44
Relógio suíço de bolso, marca Genclia, todo folheado a ouro, mostrador branco, com os números e ponteiros dourados, modelo muito original. Preço: Cr\$ 130,00



NÚMERO 370/11
Ventiladores silenciosos todo de metal, motor com tampa cromada. Correntes de 220 e 120. Altura: 30 cm.: Cr\$ 370,00. Altura: 25 cm.: Cr\$ 280,00.



NÚMERO 476/25
Termômetro de parede, fabricação francesa, de grande utilidade para medir a temperatura do ambiente. Preço: Cr\$ 75,00



NÚMERO 940/6
Despertador com caixa de música, suíço, mostrador luminoso, despertador tocando linda melodia. Ótimo funcionamento. Preço: Cr\$ 360,00

NÚMERO 5.110/30
Relógio estilístico de parede, todo de madeira envernizada, tipo cuco, verdadeira obra de arte e perfeição de acabamento. 20 cm. de altura por 18 cm. de largura. Preço: Cr\$ 210,00



NÚMERO 240/20
Relógio estilístico de parede, todo de madeira envernizada, tipo cuco, uma verdadeira obra de arte e perfeição de acabamento. Dimensões 22 cm. de altura e 16 cm. de largura. Preço: Cr\$ 220,00

GENEVE JOIAS - RUA TUPINAMBÁS, 351 - 9.º Andar - Sala 921, Edifício I.A.P.I. - Belo Horizonte - Minas Gerais

CARNAVAL

SOAM OS TAMBORINS

No próximo dia 3, na sensacional festa que se realizará no Teatro João Caetano, será feito o julgamento das músicas carnavalescas de 50. Desfilarão todos os intérpretes e compositores que se acham inscritos no pleito memorável no qual esperamos um pronunciamento final justo e imparcial, não se repetindo a injustiça do ano passado.

★

O sr. Prefeito Mendes de Moraes nunca esteve tão perto do coração do povo do que no momento atual, mercê da sua incondicional vontade de prestigiar a maior festa do povo: O Carnaval. Quer seja prestando auxílio moral e financeiro às Escolas de Samba, quer intervindo junto à chefatura de polícia, a fim desta repartição conceder facilidades às várias agremiações, o governador da cidade está conquistando a simpatia e a admiração de todos.

E na verdade saber captar o povo não deixa de ser uma arte.

★

A Rádio Guanabara este ano introduziu uma novidade, bastante interessante, na sua programação carnavalesca durante a sua irradiação semanal do Palácio Metropolitano de Esportes. Depois de um show, em que desfilam todos os astros da C-8, os assistentes têm oportunidade de dançarem, sendo fácil de se verificar o êxito dessa iniciativa. O que nos chamou sobremaneira a atenção foi a excelente interpretação da orquestra de Napoleão Tavares, que está com um ritmo carnavalesco impar entre os nossos agrupamentos musicais. Os clubes que conseguirem o seu concurso muito lucrarão.

★

Existem algumas músicas carnavalescas com letras simples, mas interessantes, refletindo os sofrimentos e os anseios do povo. Outras apontando as tendências naturais da nossa gente, tão espontânea nos seus atos. No repertório musical para as folias de 50 vamos encontrar o samba "Escravo do Trabalho", da autoria de A. Almeida e O. Magalhães, onde, nos seus versos, acham-se contidas algumas passagens da vida humilde e rude do trabalhador nacional.

"Eu durante o ano inteiro
Sou escravo do trabalho
Meto os peitos, bato o malho
Cumpro minha obrigação."

Mais adiante a música reflete o panorama típico que se verifica no carnaval. O abandono total do trabalho. Duvidamos mesmo que todo o dinheiro deste mundo arranque o nosso povo da liberdade orgiaca que desfruta durante êsses três dias enlouquecedores. Senão vejamos:

"Mas durante o Carnaval
Ai... Ai, meu patrão
Não conte comigo não
Não conte comigo não."

No último verso observamos aquêlê desejo incontido que o homem simples, sem aspirações maiores do que ganhar o pão do seu sustento diário, sente a natural necessidade de dar asas à alegria temporária que lhe vai no coração, sempre comprimido pelo alto custo da vida e as vicissitudes que a mesma nos presenteia:

"Já comprei a fantasia da Maria
Nos três dias vou guardar meu macacão
Vou fazer bate-fundo na cidade
Gozar a mocidade
Desabafar o meu coração."

★

Tôda vez que se aproxima o Carnaval, cresce o interesse do carioca pelas criações de caráter popular nascidas dos cérebros privilegiados dos nossos compositores. O compositor de músicas populares é o poeta que canta os hábitos e os costumes do povo. O Carnaval é, pois, o motivo de que se aproveitam compositores e artistas



Entre as candidatas mais fortes ao título de "Rainha do Carnaval" figura Elvira Pagã, a graciosa estrela que acaba de ser contratada pela Rádio Guanabara. A criadora de "Sangue e Areia" e "Me dá o Ré", de autoria de Sebastião Gomes e Nelson Teixeira conta com o apoio do Hotel Quitandinha para a sua eleição. Nossos votos são para Elvira

para darem vãsão ao sentimento da música popular brasileira. Os heróis do carnaval, a nosso ver, são João de Barro, Roberto Martins, Ari Monteiro, Nássara, David Nasser, Haroldo Lôbo, entre os compositores, e Araci de Almeida, Dircinha Batista, Emilinha Borba, Nuno Roland, Francisco Alves e Vocalistas Tropicais, entre os intérpretes.

MOVIMENTO

Tendo em vista os amistosos termos do ofício do Serviço Nacional de Recenseamento, de 10 de janeiro atual, a Associação de Cronistas Carnavalescos apela no sentido dos Ranchos, Blocos, grandes e pequenas sociedades se valerem, de modo razoável, dos motivos do Censo de 1950, cujo êxito depende de todos os brasileiros.

★

A Comissão resolveu oficializar as batalhas de "confetti" da Praia do Flamengo, de S. Cristovão, rua D. Zulmira e das estações de Bon-sucesso e do Méier. Somente para as batalhas citadas é que a Comissão mandará coretos, música e dará iluminação. As demais poderão ser realizadas por iniciativa particular, sem auxílio, todavia, dos cofres da Prefeitura.

★

Angelo Casary é o confeccionador dos prêmios do Clube dos Democráticos, sendo chefes de barracão da Avenida Salvador de Sá os senhores Muratório Barreiros e Armando Rosas.

★

Milton Amaral confeccionará os prêmios do Departamento Federal de Segurança Pública.

★

Foi inaugurado com grande brilhantismo o barracão da Embaixada do Sossêgo, à Avenida Francisco Bicalho.

★

Para o concurso de "Rainha do Carnaval", acham-se inscritas as senhoritas Dirce Belmont, Gessy Valente, Maria de Lourdes Teixeira e Elvira Pagã.

★

O artista Franklin Fonseca foi convidado para confeccionar o barracão do Clube dos Cariocas.

★

Fêz sua apresentação pela primeira vez em público, o Bloco Carnavalesco "Manda quem pode" no banho a fantasia realizado na praia de Ramos.

★

O Braz de Pina Country Clube realizará quatro festas, além de um baile infantil no dia 10 de fevereiro.

★

A "Escola de Samba Prazer da Mocidade", descera este ano, de São João de Meriti integrando nada menos de 400 pastoras, profundas conhecedoras do samba.

★

S. M. Frederica, Rainha Moma, XIV se apresentará no cortejo de 12 de fevereiro, ostentando uma rica fantasia.

★

Encerra-se no dia 31 a inscrição para o concurso de músicas carnavalescas promovido pela Prefeitura. No dia 3 de fevereiro será feita a seleção, quando serão escolhidos 16 sambas e 15 marchas que serão executados no espetáculo realizado no João Caetano e patrocinado pela ABR.

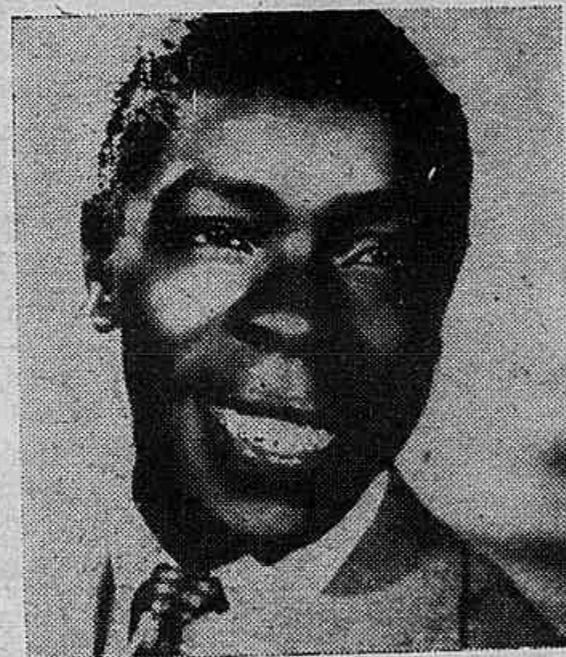
Grandes intérpretes do Carnaval

Dircinha Batista, expressão legítima de nossa música popular, é paulista de nascimento. Veio ao mundo a 7 de abril de 1922. E já aos seis anos de idade exibia suas qualidades vocais, interpretando as mais diversas composições, inclusive as de seu pai, o saudoso ventríloquo Batista Júnior. Tal vocação levou Raul Roulien, após ouvi-la cantar o tango "Garufa", a incluí-la no "show" que então apresentava no teatro Santana. Assim, Dircinha fêz sua estréia em público, cantando o samba "Moreno, me pegue, me jogue no chão...". Foi ainda em São Paulo, ao microfone da Rádio Educadora, a sua estréia no "broadcasting" nacional, que nela possui uma de suas atrações máximas. Da emissora paulista veio para o Rio, onde Francisco a contratou para a Tupi, pagando-lhe um "cachet" que não ia além de 30 cruzeiros... Com a evolução da radiofonia e o número cada vez maior de estações, a irmã de Linda foi sendo cobijada por outros prefixos que, no afã de conseguirem seu concurso, não hesitaram em oferecer-lhe vantajosos contratos. Foi o que se deu com a Rádio Clube, a Mayrink Veiga, a Nacional, a Ipanema, e a Tupi, onde se encontra, presentemente. Também o cinema interessou-se pelo seu concurso, incluindo-a em "Alô, alô, Brasil", "Entra na farrá", "Bombonzinho", "Abacaxi Azul", "Futebol em Família", "Laranja da China" e vários outros. Dircinha Batista é devota de São Jorge, e leitora de Cassiano Ricardo, Olavo Bilac, Stefan Zweig e Paulo Setubal. Seu mais recente sucesso carnavalesco, é a marcha "A Coroa do Rei".



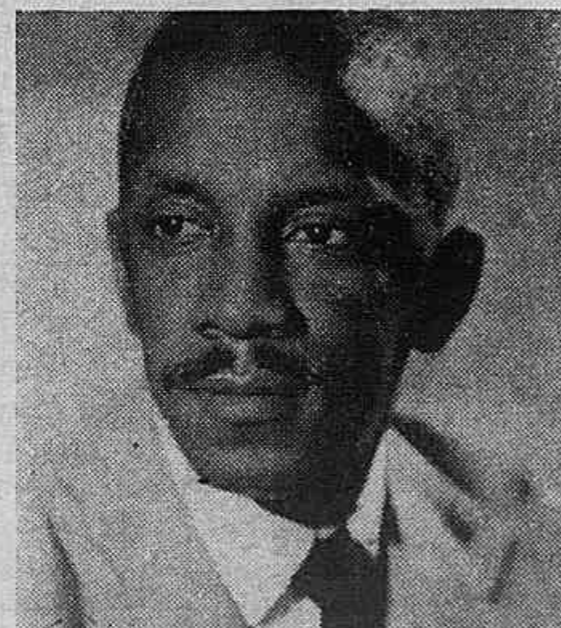
Dircinha Batista

Leilão de Ali Babá



Grav. de Black-Out

Já vi tudo



Grav. de Jamelão

Marcha

Milton Vilela — Augusto Rocha

Bis { Começou o leilão
Vou arrematar
Uma negra bonita
No leilão de Ali-Babá —
[Baá — Babá.]

Dou por esta negra
Bastante dinheiro
Mas quero que ela saia
Das mãos deste leiloeiro.

II

Dou pela mulata
Um milhão e cem
Contanto que ela seja
Minha escrava também.

Quero uma lourinha
Que dance o bailado bem
P'ra nas horas vagas
Ir dançar no meu harém.

★

Marcha

De Antenor Borges — Raymundo Lessa e S. Queima

I PARTE

Bis { Eu Já vi tudo
Eu já vi tudo
Eu já vi tudo
Não precisa me mostrar
Você é boa
Eu já vi que é muito boa
Quando gostei de você
Meu bem
Não foi à-toa.

II- PARTE

Você é tudo que um homem quer
Não bebe e não fuma
Como faz muita mulher
Eu tenho um trono
Só me falta uma Rainha
Eu já vi tudo
Você vai ser minha.

Jequitibá do Samba



Grav. de Zé e Zilda

Samba

De Marcelino Ramos e José Ramos

Madeira de dá em doido
E' Jequitibá deixa
A Mangueira passar
Embalança meu bem
Embalança roseira
Embalança cabrocha
Embalança mangueira
ô, ô, ô, ô, ô, ô
O Jequitibá do samba chegou.
(Breque: Madeira de dá)

Mangueira,
E uma floresta de sambista
Aonde o Jequitibá nasceu
Veio o fogo queimou
Veio o vento tombou
E o machado Jequitibá ficou
ô, ô, ô, ô, ô, ô
Madeira de dá em doido chegou.
(Breque: Madeira de dá)

★

Chorou Madureira



Grav. de Araci de Almeida

(PAULO DA PORTELA)

Samba

De Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira

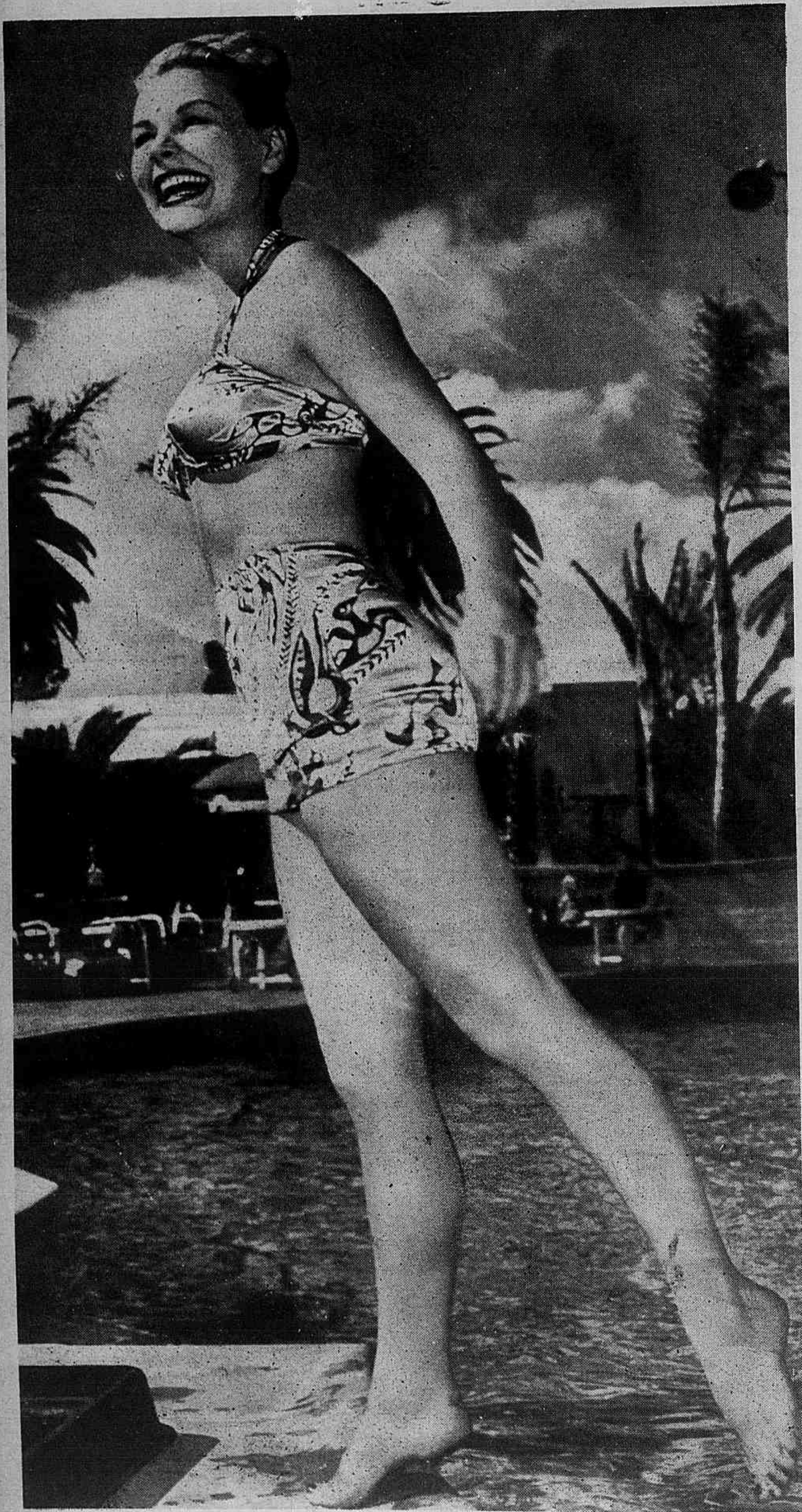
I

Chorou Madureira
Chorou Irajá
Salgueiro, Mangueira,
Favela, Portela, Estácio de Sá
Chorou Risoleta
E o mano Edgard
Quando o Paulo foi
P'ra nunca mais voltar.

II

Tôda a cidade sentiu
O tamborim parou
Quando o Paulo da Portela foi [embora]
A União das Escolas
Luto fechado botou
E Osvaldo Cruz, ainda hoje, chora, [chora.]

Pausa para meditação



BARBARA PAYTON
(Universal International)

DE TODO O MUNDO

HOLLYWOOD — Com a idade de 64 anos faleceu, vítima de um ataque cardíaco, o diretor cinematográfico John M. Stahl.

PARIS — Embarcou para o Brasil por via marítima o diretor Henry Georges Clouzot, que vem assistir o Carnaval no Rio e — em seguida — rodar um filme documentário no Amazonas.

ROMA — Ingrid Bergman — cujo divórcio com o dr. Peter Lindstrom já foi autorizado pelos tribunais americanos — espera uma criança para o próximo mês de abril. O casamento da estrêla com o diretor Roberto Rossellini deverá se realizar logo após a decretação do divórcio.

PARIS — Chegou a esta capital o diretor Jean Renoir, depois de haver filmado na Índia a primeira parte de sua nova película "The River". Renoir deverá voltar ainda este mês para Calcutá.

HOLLYWOOD — Chegou de Londres o diretor Byron Haskin, que vem de terminar na capital britânica a filmagem de "A Ilha do Tesouro", para Walt Disney.

ROMA — Acham-se nesta capital várias personalidades do cinema americano, entre elas: Robert Cummings e senhora, Mona Barrie, Lewis Milestone, Alan Curtis, Richard Ney e senhora.

MÉXICO — Casou-se nesta cidade o novo e sensacional galã espanhol Jorge Mistral.

NEW YORK — Partiu para a Alemanha o diretor Anatole Litvak. Em Berlim ele fará observações e escolherá o "cast" de seu novo filme "Call it Treason", baseado na novela homônima de George Howe. O filme será rodado inteiramente na Alemanha, para onde já seguiu também a equipe de técnicos e cinegrafistas da 20th Century-Fox.

LONDRES — Douglas Fairbanks Jr. tirou, finalmente, após 14 anos, um merecido período de férias. A conselho médico, o ator passará um mês em Bad Gastein, em companhia de sua esposa e três filhas. Mr. Fairbanks completou recentemente seu novo filme, "State Secret".

HOLLYWOOD — "The Road", cuja história versará sobre o nascimento da nova pátria dos judeus, Israel, será produzido dentro de três meses, anunciou Dore Schary, novo "executive" da Metro-Goldwyn-Mayer.

BARCELONA — Foram exibidas na Espanha em mil novecentos e quarenta e nove 180 películas, assim distribuídas: 86 americanas, 36 espanholas, 18 argentinas, 13 mexicanas, 12 francesas, 10 italianas, 2 suíças, 2 suécas e 2 alemãs.

RIO — Após uma curta estada nesta capital, partiu para Hollywood o diretor da 20th Century-Fox, Henry King.

HOLLYWOOD — Ronald Colman retirou-se do elenco de "Mr. Music", que está sendo rodado na Paramount. O ator achou ridículo o papel que lhe fôra destinado de um dançarino e sapatador. Comandam o elenco de "Mr. Music", Bing Crosby e Groucho Marx.

DUBAR

Bebidas de alta qualidade e pureza absoluta, para os paladares mais exigentes. Simples ou em cocktails os produtos DUBAR são uma delícia!



EIS A FAMOSA LINHAGEM

DUBAR

LICORES

Anisette
Cherry Brandy
Creme de Ovos
Curaçau
Danziger Goldwasser
Fogo Paulista
Kümmel Cristalizado
Kümmel Dubar
Licor de Abricot
Licor de Cacau
Licor dos Cardeais
Licor de Ouro
Maraschino
Peppermint
Record

APERITIVOS

E

BITTERS

Americano Paulista
Bitter Angostura
Bitter Boonekamp
Bitter Russo
Fernet

VINHOS COMPOSTOS

Vermouth Branco Doce
Vermouth Branco Sêco
Vermouth Torino
Vinho Quinado
Vinho Quinado Extra

AGUARDENTES

Cognac Dubar 5 Estrêlas
Cognac Grande Fine Champagne
Cognac com Alcatrão
Genebra Extra Superior
Gin Extra Sêco
Korn Velho Legítimo
Rhum Tipo Georgetown
Vodka
Whisky

XAROPES

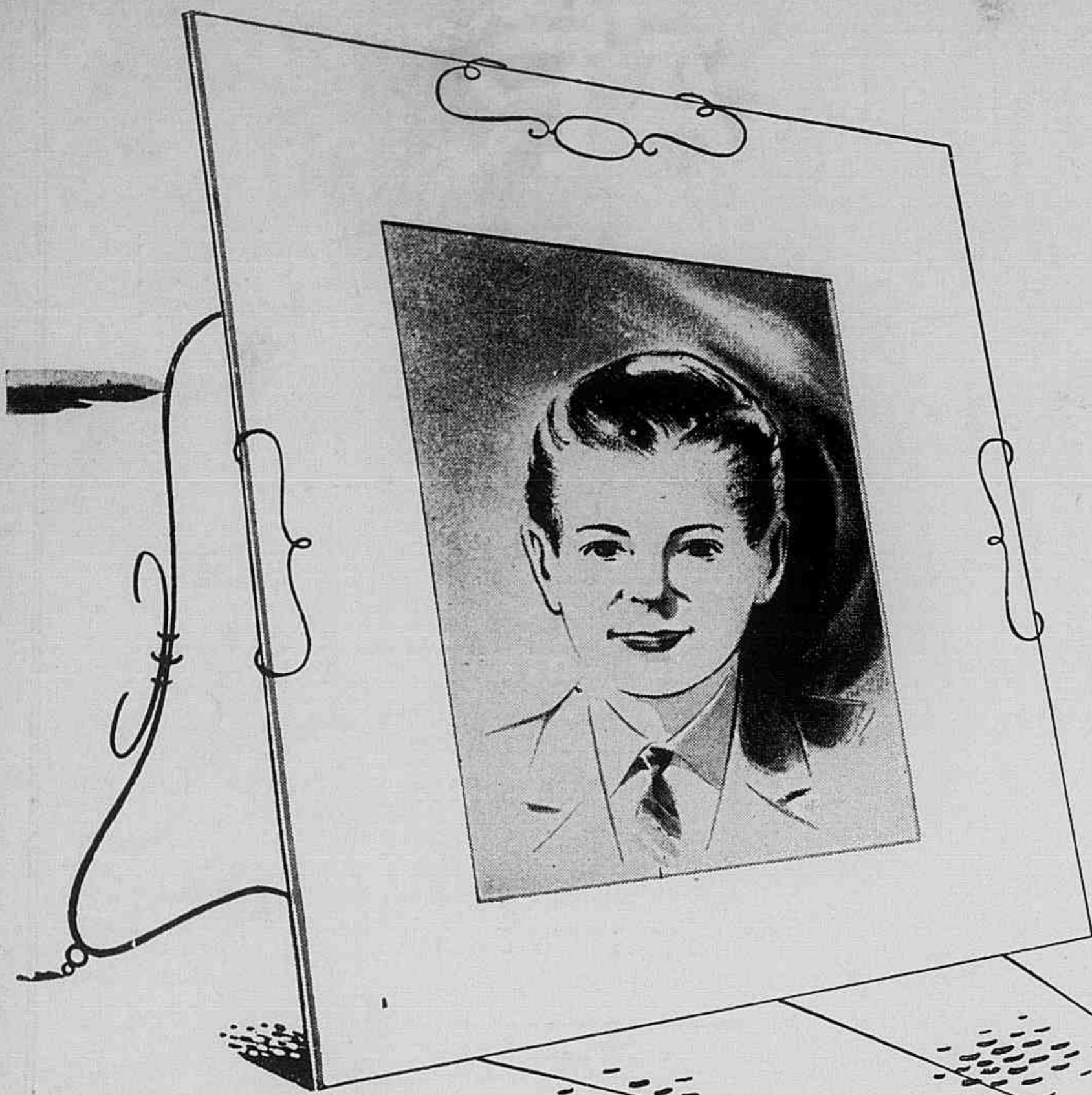
Ananás
Cereja
Framboeza
Grenadine
Groselha
Limão
Tamarindo
Morango

HÁ UMA DELÍCIA DUBAR PARA CADA PALADAR!

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 156 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Afonso, 143



Que será seu filho AMANHÃ !

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



B.P.-R.L.
tybyrečá